

O Lar Cristão e Seus Deveres

Edward Dennett

O Lar Cristão e seus Deveres

Edward Dennett

Título do original em inglês:

The Christian Household and Relative Duties – Edward Dennett

Primeira edição em português – setembro de 2023

Originalmente publicado por:

[BIBLE TRUTH PUBLISHERS](#)

59 Industrial Road, Addison, IL 60101

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Traduzido, publicado e distribuído no Brasil com autorização dos editores da versão original em língua inglesa por **[ASSOCIAÇÃO VERDADES VIVAS](#)**, uma associação sem fins lucrativos, cujo objetivo é divulgar o evangelho e a sã doutrina de nosso Senhor Jesus Cristo.

Contato: atendimento@verdadesvivas.com.br

Abreviaturas utilizadas:

ARC – João Ferreira de Almeida – Revista e Corrigida – SBB 1995

ARA – João Ferreira de Almeida – Revista e Atualizada – SBB 1993

TB – Tradução Brasileira – 1917

ACF – João Ferreira de Almeida – Corrigida Fiel – SBTB 1994

AIBB – João Ferreira de Almeida – Imprensa Bíblica Brasileira – 1967

JND – Tradução Inglesa de John Nelson Darby

KJV – Tradução Inglesa King James

Todas as citações das Escrituras são da versão ARC, a não ser que outra esteja indicada.

Qualquer sugestão de correção será bem-vinda.

O Lar Cristão e seus Deveres

Edward Dennett

Prefácio

O leitor encontrará neste pequeno volume uma exposição simples do ensino bíblico sobre a conexão entre o crente e sua família, e também sobre o que são chamados de deveres familiares. A importância da manifestação da vida Cristã no lar é geralmente admitida; mas, na verdade, quem ministra publicamente raramente aborda diretamente esse assunto. Mesmo assim, a maior parte da vida de muitos crentes está envolvida nos deveres familiares. O escritor, portanto, foi levado a pensar que uma consideração sobre as responsabilidades dos vários membros da família poderia ser oportuna e proveitosa. Que o próprio Senhor permita o uso do que foi escrito, quaisquer que sejam suas imperfeições, para Sua própria glória e para a edificação e bênção de Seus santos.

Blackheath, abril – 1877

O Cristão e as Relações Naturais

“Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e Se entregou a Si mesmo por mim” (Gl 2:20).

“Porque para mim o viver é Cristo” (Fp 1:21).

“Aquele que diz que está n'Ele, também deve andar como Ele andou” (1 Jo 2:6).

Antes de considerar, um pouco em detalhes, o assunto das relações familiares e suas responsabilidades, pode ser proveitoso chamar a atenção direta para a maneira como elas são tratadas pelo Espírito de Deus. Juntamente com a plena revelação da graça de Deus na redenção, pode ter existido uma tendência em algumas mentes de menosprezar os laços formados na natureza. De fato, devido à ignorância parcial e ao consequente mau entendimento de algumas partes da Escritura, essa tendência, durante a história da Igreja, às vezes encontrou expressão em formas censuráveis; e mesmo no presente momento, muitas vezes é observado que há muitos que estão sujeitos à mesma armadilha. Portanto, é de grande importância notar que a própria epístola – Efésios – que traz à tona a verdade mais completa quanto ao lugar do crente diante de Deus em Cristo, e quanto à Igreja, como o corpo de Cristo, também entra mais plenamente nas responsabilidades relativas aos nossos relacionamentos naturais. Assim, temos, de maneira mais acentuada, seu caráter obrigatório mantido, e isso por sanção e ordenação divina; e, ao mesmo tempo, um aviso de que, em todo o regozijo de nossos privilégios Cristãos, nunca devemos esquecer as reivindicações que foram estabelecidas sobre nós na Terra. É bem verdade que nossa posição diante de Deus não é na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em nós (Rm 8:9), porque fomos trazidos, por meio da morte e ressurreição de Cristo, dessa cena

para uma nova; mas Deus nos envia de volta, por assim dizer, para assumir em terreno novo – no terreno da graça, e não no terreno da mera natureza – toda obrigação que nos incumbia como Suas criaturas em nossa antiga condição.

Isso ficará evidente se nos voltarmos para Efésios 4. A partir do versículo 17, temos exortações práticas, que fluem da verdade comunicada na parte anterior da epístola. E logo no início destes, em contraste com os gentios, que andam na vaidade de sua mente (vs. 17-19), o apóstolo diz: **“Mas vós não aprendestes assim a Cristo; se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus, que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; E vos renoveis no espírito do vosso sentido [da vossa mente – ACF]; E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade. Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros”** (vs. 20-25). Então, mais adiante nos é dito, **“E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no Qual estais selados para o dia da redenção”** (v. 30). Temos, portanto, dois fatos grandiosos, que o crente revestiu-se (pois a exortação é fundada sobre o que é verdadeiro de nós em Cristo) do novo homem; e que ele é habitado pelo Espírito de Deus. Portanto, o próximo capítulo (5) começa com: **“Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados”**. Assim, **“criado segundo Deus”** e Deus habitando em nós, Deus é o padrão de nossa caminhada, sendo Cristo a expressão de Deus na caminhada humana e, portanto, em relação às duas palavras que por si só dão a essência de Deus – amor e luz. Devemos andar em amor, como Cristo nos amou e Se entregou por nós em sacrifício a Deus. *‘Para nós’* era amor divino; *‘para Deus’* é perfeição de objeto e motivo.... Mas somos luz no Senhor (v. 8). Esse é o segundo nome na essência de Deus; e como participantes da natureza divina, somos luz no Senhor. Aqui, novamente, Cristo é o padrão: **“Cristo te esclarecerá”** (v. 14). O mesmo escritor observa ainda: “A reprodução de Deus no homem

é o objetivo que Deus propôs a Si mesmo no novo homem; e isso o novo homem propõe a si mesmo, como ele mesmo é a reprodução da natureza e do caráter de Deus. Existem dois princípios no caminho Cristão, de acordo com a luz sob a qual ele se vê; percorrer sua corrida como homem em direção ao Objeto de seu chamado celestial, no qual ele segue após Cristo que subiu ao alto. Esse não é o assunto em Éfesios. Em Efésios ele está sentado nos lugares celestiais em Cristo, *e ele tem como que sair do céu, como Cristo realmente fez, e manifestar o caráter de Deus na Terra, do qual, como vimos, Cristo é o padrão. Somos chamados, estando na posição de filhos queridos, a mostrar os caminhos de nosso Pai.*

Tal é, então, a verdade quanto à nossa posição e responsabilidade. Somos feitos participantes da natureza divina; temos nos vestido do novo homem que segundo Deus é criado em justiça e verdadeira santidade; somos habitados pelo Espírito Santo; estamos assentados em Cristo nos lugares celestiais; e, portanto, temos que sair daquele lugar abençoado e, de acordo com o novo homem (não de acordo com o velho), assumir na Terra, no poder do Espírito, toda a responsabilidade que recai sobre nós, em virtude de nossos laços e relacionamentos naturais. É, portanto, como homens celestiais que temos que preencher nossos respectivos lugares na família e no lar. Assim, todo relacionamento que mantemos deve ser simplesmente uma esfera para a revelação de Cristo, para mostrar o que Ele é e o que Ele era quando estava aqui na Terra; pois **“Aquele que diz que está n’Ele, também deve andar como Ele andou”** (1 Jo 2:6). Lembrar disso tiraria muitas dificuldades do nosso caminho. Assim, na manutenção dos laços naturais, onde os crentes se encontram em sujeição aos incrédulos, a única questão é quanto à expressão de Cristo. Ele é a medida de toda responsabilidade e, portanto, Ele não pode consentir com uma única reivindicação que entre em conflito com Sua própria autoridade suprema. Portanto, nunca deveria ser: “Posso fazer isso?” ou “Devo fazer aquilo?”, mas simplesmente: “Posso fazer isso de acordo com o

novo homem, andando no poder do Espírito?" Ou seja, a carne e a mera natureza devem ser rejeitadas; portanto, também nas relações familiares, **"levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a Sua vida se manifeste em nosso corpo"** (2 Co 4:10 – ARA). E assim, qualquer que seja a relação especial sustentada pelo Cristão – seja a de marido ou esposa, pai ou mãe, filhos ou servos – o único objetivo, em todos os casos, será a expressão de Cristo. Isso, em todos os casos, será a medida e o limite da nossa responsabilidade.

A Família como um Círculo de Graça

“Disse o Senhor a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de Mim nesta geração” (Gn 7:1).

“Envia varões a Jope, e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa” (At 11:13-14).

“E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e a tua casa” (At 16:31).

Há sempre uma tendência em nosso coração de limitar a graça de Deus, uma relutância em acreditar tanto em Sua soberania quanto em Sua plenitude; e essa tendência às vezes é intensificada mesmo naqueles que insistem mais fortemente nas grandes verdades da redenção. Portanto, há uma necessidade contínua de examinar novamente até mesmo o que concebemos ser os ensinamentos irrefutáveis da Escritura; não com a visão de nos perturbar, ou de fomentar a incerteza, mas com o simples desejo de ser encontrado em todos os pontos em total sujeição à Palavra de Deus. Por exemplo, há muitos santos amados que negligenciaram o significado e a força das palavras que o apóstolo usou em resposta ao carcereiro: **“Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa”** (At 16:31). Vê-se a necessidade de fé individual e a promessa conectada de salvação individual; mas, para todos os fins práticos, a promessa adicional é muitas vezes esquecida. Da mesma forma, quando a pergunta é feita agora: **“O que devo fazer para ser salvo?”** a resposta é quase universalmente dada como: **“Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”**; omitindo as palavras: **“e tua casa”**. É assim tanto na pregação oral quanto na escrita; e, conseqüentemente, há um estreitamento não intencional do círculo da graça de Deus.

Propomos, então, traçar o ensino bíblico sobre esse assunto – sobre a conexão da família com o crente; e acho que veremos que o princípio se aplica tanto nas dispensações passadas quanto nas presentes.

Noé e sua casa

Voltemo-nos, em primeiro lugar, para Gênesis 7:1: **“Disse o Senhor a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca, porque te hei visto justo diante de Mim nesta geração”** (Gn 7:1). Essa passagem é extremamente importante e, por essa causa, está redigida dessa maneira para que não haja dúvida alguma quanto ao seu expreso significado. O fundamento no qual o Senhor ordena a Noé que entre *com sua casa* na arca é: **“Porque te hei visto justo diante de Mim nesta geração”**. E se for questionado, que provavelmente todos os membros da família também eram “justos” diante de Deus, a história posterior de um dos membros – Cam (Gn 9:22-25) – exclui esse pensamento. A força da declaração, portanto, não pode de forma alguma ser diminuída, ou seja, que a família de Noé foi libertada do julgamento do dilúvio por causa da fé de sua cabeça. É verdade que não era salvação; mas era em figura (1 Pe 3:20-21); e certamente não era uma pequena bênção ser levado na arca por meio daquele poderoso dilúvio que, em juízo, dominou e desolou toda a Terra. **“Assim foi desfeita toda a substância que havia sobre a face da Terra, desde o homem até ao animal, até ao réptil, e até à ave dos céus; e foram extintos da Terra: e ficou somente Noé, e os que com ele estavam na arca”** (Gn 7:23). Assim, pela graça de Deus, toda a família foi tirada para fora do juízo, e colocada sobre a nova Terra, por causa da fé de Noé. Não só isso, mas o círculo da graça de Deus ainda estava ampliado; pois descobrimos que as esposas dos filhos também estavam incluídas nos misericordiosos propósitos de Deus; constituindo assim as oito pessoas das quais o apóstolo Pedro fala como tendo sido salvas **“pela água”** (1 Pe 3:20).

Abraão e sua casa

Passemos agora a outro exemplo registrado em Gênesis 12: **“Assim partiu Abrão, como o Senhor lhe tinha dito... E tomou Abrão a Sarai, sua *mulher*, e a Ló, filho de seu irmão, e toda a sua fazenda, que haviam adquirido, e as almas que lhe cresceram em Harã; e saíram para irem à terra de Canaã; e vieram à terra de Canaã”** (vs. 4-5). Não comentaremos mais sobre este caso agora (como teremos que fazê-lo ao lidar com outra parte do assunto) do que apontar o fato de que a família de Abrão foi trazida consigo da Caldeia e Harã para Canaã; e isso foi feito com base no mesmo princípio, como no caso de Noé, a família sendo ligada diante de Deus com sua cabeça.

Ló e sua casa

Tomamos, em seguida, o notável caso de Ló; e esse é o mais impressionante porque ele se afastou do caminho de fé, abandonou o caráter de um peregrino e se tornou um cidadão de Sodoma. Os fatos de sua história são familiares a todos nós: quem dera que suas advertências e lições fossem mais observadas! A longanimidade de Deus estava prestes a se transformar num justo julgamento, porque o pecado das **“cidades da campina”** era muito grave. Mas quando Deus destruiu essas cidades, Ele **“se lembrou de Abraão, e tirou a Ló do meio da destruição, derribando aquelas cidades em que Ló habitara”** (Gn 19:29). No entanto, não é sobre a conexão de Ló com Abraão que nos detemos, por mais significativa que seja para o nosso assunto, nem pelo fato de que ele foi libertado da destruição pela intercessão de seu tio, mas chamamos a atenção aqui para a família do próprio Ló. E descobrimos que o mesmo princípio é aplicado, que não foi apenas Ló, mas que também sua família foi poupada, ou teve a oportunidade de ser poupada, naquele dia de juízo devastador. **“Então disseram aqueles varões a Ló: Tens alguém mais aqui? Teu genro, e teus filhos, e tuas filhas, e todos quantos tens nesta cidade, tira-os fora deste lugar; Porque nós vamos destruir este lugar, porque o seu clamor tem engrossado diante da face do Senhor, e o Senhor nos enviou a destruí-lo”** (Gn 19:12-13). Deve ser lembrado que Ló, apesar de

sua grave posição, era um **“justo”** (2 Pe 2:8); e, portanto, vemos, como nos outros casos, que Deus conectou a família de Seu servo a si mesmo, que Sua misericórdia e graça saíram e abraçaram todos os que estavam conectados com o **“justo”**, oferecendo-lhes a salvação do juízo que estava prestes a cair sobre aquela cena condenada, embora seus genros em incredulidade (e quem dirá o quanto isso havia sido gerado no coração deles pela conduta de Ló?) escolheram a morte em vez da vida. **“Então, saiu Ló, e falou a seus genros, aos que haviam de tomar as suas filhas, e disse: Levantai-vos; saí deste lugar, porque o SENHOR há de destruir a cidade. Foi tido, porém, por zombador aos olhos de seus genros”** (v. 14).

Os israelitas em suas casas na Páscoa

A Páscoa pode ser considerada, a seguir, como um exemplo típico do princípio. O Senhor ordenou a Moisés: **“Falai a toda a congregação de Israel, dizendo: Aos dez deste mês tome cada um para si um cordeiro, segundo as casas dos pais, um cordeiro para uma casa”** (Êx 12:3). E mais uma vez: **“E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes”** (v. 13). É evidente, portanto, que a Páscoa foi celebrada por Israel, família por família, segundo o princípio de um cordeiro para cada casa; e que eles foram abrigados, família por família, por meio do sangue aspergido sobre suas respectivas habitações. Consequentemente, foi o ato do pai – sua obediência de fé – que garantiu à sua família imunidade contra o golpe do juízo que caiu sobre a terra do Egito. Assim como foi a fé de Noé que o levou à construção da arca, na qual toda a sua família foi protegida do dilúvio, também foi a fé dos pais na Páscoa no Egito que levou à aspersão do sangue sobre ambas as ombreiras e na verga superior da casa deles, de acordo com o mandamento do Senhor, pelo qual ele, seu primogênito, e sua família foram infalivelmente protegidos do juízo do destruidor. O estado da família não entrou na questão. O ponto essencial era a aspersão do sangue. A cabeça da casa obedeceu às instruções divinas? Ele matou o cordeiro e aspergiu o sangue? Se assim foi, nada poderia causar

dano neles. **“Porque o SENHOR passará para ferir aos egípcios, porém, quando vir o sangue na verga da porta e em ambas as ombreiras, o SENHOR passará aquela porta e não deixará ao destruidor entrar em vossas casas para vos ferir”** (v. 23). É verdade que apenas o primogênito, até onde sabemos, teria morrido, se desabrigado pela falta do sangue, sob o golpe do juízo; mas o significado do sangue, figura como era do sangue do Cordeiro de Deus, foi muito mais longe, protegendo, em virtude de seu próprio valor, família por família, todo o Israel. Pois encontramos Moisés dizendo, quando ordenou a observância perpétua da Páscoa: **“E acontecerá que, quando vossos filhos vos disserem: Que culto é este vosso? Então, direis: Este é o sacrifício da Páscoa ao SENHOR, que passou as casas dos filhos de Israel no Egito, quando feriu aos egípcios e, *livrou as nossas casas*”** (Êx 12:26-27). Por isso, também, Moisés, quando o Faraó lhe perguntou: **“Quais são os que hão de ir?”** respondeu: **“Havemos de ir com nossos meninos e com os nossos velhos; *com os nossos filhos e as nossas filhas*”** (Êx 10:8-9); pois foi o sangue aspergido, como vimos, que os protegeu da destruição.

Figuras da mesma verdade podem ser encontradas em todo o Pentateuco. Veja, por exemplo: Levítico 16:17; Levítico 22:12-13; Números 18:11; Deuteronômio 12:7; Deuteronômio 14:26.

Raabe e sua casa

Antes de prosseguirmos para o Novo Testamento, podemos citar o caso de Raabe, um dos exemplos mais notáveis da graça registrados na Escritura, bem como um dos sinais mais claros do chamado dos gentios. O Espírito Santo até deu a ela um lugar especial entre os santos destacados pela fé em Hebreus 11. Examinando então a passagem em Josué 2, o que encontramos? Que ela foi a única exceção na destruição de Jericó e seus habitantes? Que sua fé valia apenas para si mesma? De forma alguma. Assim os espias lhe disseram, **“Eis que, quando nós entrarmos na terra, atarás este cordão de fio de escarlata à janela por onde nos fizeste descer; e recolherás em casa**

contigo a teu pai, e a tua mãe, e a teus irmãos e a toda a família de teu pai. Será, pois, que qualquer que sair fora da porta da tua casa, o seu sangue será sobre a sua cabeça, e nós seremos inocentes; *mas qualquer que estiver contigo, em casa, o seu sangue seja sobre a nossa cabeça, se alguém nele puser mão*" (vs. 18-19 – ACF). E quando eles capturaram a cidade, Josué disse aos dois homens que tinham espiado a terra: **"Entrai na casa da mulher prostituta e tirai de lá a mulher com tudo quanto tiver, como lhe tendes jurado. Então, entraram os jovens, os espias, e tiraram a Raabe, e a seu pai, e a sua mãe, e a seus irmãos, e a tudo quanto tinha; tiraram também a todas as suas famílias e puseram-nos fora do arraial de Israel... Assim, deu Josué vida à prostituta Raabe, e à família de seu pai, e a tudo quanto tinha; e habitou no meio de Israel até ao dia de hoje, porquanto escondera os mensageiros que Josué tinha enviado a espiar a Jericó"** (Js 6:22-23, 25).

Entre os outros casos que consideramos, há esta diferença no caso de Raabe, ela não é a cabeça de uma família. É por essa mesma razão que o princípio familiar, ou o que pode ser chamado de *a unidade da família diante de Deus*, é mais notavelmente exemplificado. Ao que parece, aqueles que têm uma conexão familiar com uma pessoa crente recebem um lugar especial, tornando-se objetos de terno interesse de Deus. Como, de fato, encontramos na epístola aos coríntios: **"Porque o marido descrente é santificado pela mulher, e a mulher descrente é santificada pelo marido. Doutra sorte, os vossos filhos seriam imundos; mas, agora, são santos"** (1 Co 7:14).

Todos esses exemplos foram tirados do Velho Testamento; e agora surge a pergunta: Temos alguma reprodução do princípio na dispensação da graça? Se não tivermos, embora nossa alma possa ter proveito com a meditação sobre esses caminhos singularmente interessantes de Deus nos dias passados, essas revelações de Seu caráter e terno amor, não poderíamos concluir nada quanto à relação atual do crente com sua família. Se tivermos essa reprodução, então uma inundação de luz é

derramada sobre nosso relacionamento familiar diante de Deus, e também sobre as solenes responsabilidades (e, podemos acrescentar, sobre os abençoados privilégios) da cabeça da casa ou família.

Cornélio e sua casa

Vejam os em primeiro lugar, então, Atos 11. O apóstolo Pedro esteve com Cornélio e viu o Espírito Santo derramado sobre os gentios e, em virtude da comissão que foi confiada a Pedro, admitiu os gentios na Igreja de Deus na Terra. Quando ele e seus companheiros de circuncisão ouviram os gentios **“falar em línguas e magnificar a Deus. Respondeu, então Pedro: Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o Espírito Santo? E mandou que fossem batizados em nome do Senhor”** (At 10:44-48). Mas quando ele voltou a Jerusalém, **“disputavam com ele os que eram da circuncisão, dizendo: Entraste em casa de varões incircuncisos e comeste com eles”** (At 11:2-3). Em resposta a essa reclamação, Pedro descreveu todas as circunstâncias que levaram à sua visita, declarou sua visão e explicou que foi sob a direção expressa do Espírito de Deus. Além disso, ele lhes contou como Cornélio havia recebido ordem de um anjo com estas palavras: **“Envia varões a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro, o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa”** (At 11:4-14; compare At 2:38-39).

Aqui, então, já no início do Cristianismo, temos o reaparecimento da conexão da casa com sua cabeça; e passando para o capítulo 16, encontramos exatamente a mesma coisa declarada pelo apóstolo Paulo em resposta ao carcereiro. **“Crê”,** diz ele, **“no Senhor Jesus Cristo, e serás salvo, tu e a tua casa”** (v. 31). A coincidência é mais notável a partir da concordância exata das palavras empregadas. Isso será visto com mais nitidez se o grego for citado. Pedro (repetindo as palavras do anjo) diz: **“Quem te dirá palavras pelas quais (σωθήσῃς καὶ πῖς ἡ οἰκός σου) serás**

salvo, e toda a tua casa". Paulo, falando ao carcereiro, diz: **"Crê no Senhor Jesus Cristo, e (σωθήσῃ σὶ καὶ ὁ οἶκος σου) serás salvo, tu e a tua casa"**. Será assim visto que Paulo usa exatamente as mesmas palavras (com a única exceção de *"toda"*) que Pedro, e na mesma ordem. Concluimos desse fato, visto que é impossível supor que a concordância seja acidental, que elas compõem uma fórmula que expressa uma verdade bem conhecida. Em segundo lugar, o significado da concordância é aumentado pelo fato de terem sido usadas em um caso pelo apóstolo da circuncisão, e no outro pelo apóstolo da incircuncisão, embora em ambos os casos relativos aos gentios.

O princípio divino

Assim, temos o princípio que, como vimos, se aplica ao longo das dispensações passadas e é declarado no presente pelos dois principais representantes do Cristianismo. Pedro, por um lado, **"testemunha dos sofrimentos de Cristo"**, e, por outro lado, Paulo, que recebeu seu apostolado do Senhor na glória, se unem ao proclamar que há uma conexão na graça de Deus entre o crente e sua família. A incredulidade pode procurar deturpar o significado ou diminuir a força das palavras, mas aí estão elas, a declaração indelével dos caminhos de Deus, revelando também para nós o Seu coração, proclamando, como o fazem, a santidade do relacionamento familiar, *a unidade da família, de fato, aos Seus olhos*.

Devemos ter muito cuidado, no entanto, para não ir além da intenção divina; e, portanto, devemos agora procurar verificar o significado da conexão.

Em primeiro lugar, então, observe-se muito claramente que *isso não significa que a fé do chefe da família garanta a salvação de seus membros*. Nenhuma verdade é mais evidente na Escritura do que a de que não pode haver salvação sem fé individual. Os exemplos de Cam, Esaú, os filhos de Eli e de Samuel e Absalão são solenes advertências de que a fé dos pais não pode salvar seu filho. Isso deve sempre ser repetido nas notas mais enfáticas;

pois enquanto, por um lado, não ousamos contrair o círculo da graça de Deus, por outro lado, não podemos, não devemos, expandi-lo. Ao mesmo tempo em que lutamos fervorosamente pela unidade da família diante de Deus, devemos também defender que cada membro da família precisa crer no Senhor Jesus Cristo para a salvação. Que não haja equívoco ou erro sobre este ponto; pois o erro aqui seria do tipo mais fatal.

Mas, em segundo lugar, embora não seja uma questão de salvação individual, a casa do crente tem *um* lugar especial de privilégio, aos olhos de Deus, sobre a Terra. Os filhos estão ligados ao pai crente e, portanto, são vistos como em conexão exterior com o povo de Deus – como separados para Ele na Terra e na esfera da ação imediata do Espírito Santo. Essa é a força, julgamos, da passagem já citada: **"Agora eles** (os filhos de um pai ou mãe crente) **são santos"**. Pois santidade significa separação para Deus; e como não pode ser neste caso santidade intrínseca (nem a santidade que o crente tem em Cristo), só pode significar separação exterior; isto é, eles estão separados, por assim dizer, do mundo e conectados com aquilo que leva o nome de Cristo na Terra, e que é a habitação de Deus por meio do Espírito. Assim, em Efésios e Colossenses, as famílias dos crentes – esposa, marido, filhos, pais, servos e senhores – são incluídas nas exortações dadas, cada classe sendo abordada separadamente. E nesse fato está o fundamento da responsabilidade do crente de governar sua casa para o Senhor.

Se, portanto, admiramos, por um lado, a abundante graça de nosso Deus, abraçando e derramando-se em nossa família, não devemos esquecer, por outro lado, as responsabilidades que daí decorrem; pois privilégio e responsabilidade estão sempre conectados. O Senhor nos capacita a conhecer nossas respectivas responsabilidades em Sua própria presença e nos dá graça para cumpri-las, para que Seu nome seja glorificado em nós e em todos os membros de nossa família!

Esposas

“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a Cabeça da Igreja, sendo Ele próprio o Salvador do corpo. De sorte que, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido” (Ef 5:22-24).

“Vós, mulheres, estai sujeitas a vosso próprio marido, como convém no Senhor” (Cl 3:18).

“Pra que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem [a se apegarem ao – JND] seus maridos, a amarem [a se apegarem aos – JND] seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (Tt 2:4-5).

“Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas ao vosso próprio marido, para que também, se algum não obedece à Palavra, pelo procedimento de sua mulher seja ganho sem palavra, considerando a vossa vida casta, em temor. O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de jóias de ouro, na compostura de vestes, mas o homem encoberto no coração, no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus” (1 Pe 3:1-4).

“Teu desejo será para teu marido, e ele te dominará” (Gn 3:10).

O primeiro relacionamento que nos é apresentado, tanto em Efésios quanto em Colossenses, é o da esposa. Todas essas exortações, de fato, começam com aqueles de quem a submissão é requerida. Como alguém disse: *“Este é o caráter do Cristianismo em nosso mundo maligno, no qual a vontade do homem é a fonte de todo o mal, expressando seu afastamento de Deus, a Quem toda submissão é devida. O princípio da submissão e da obediência é o princípio de cura da humanidade; só Deus*

*deve ser trazido a ele para que a vontade do homem não seja o guia, afinal. Mas o princípio que governa o coração do homem no bem, é sempre e em toda parte a obediência. Devo ter que dizer que Deus deve ser obedecido em vez do homem; mas afastar-se da obediência é entrar em pecado. Como pai, um homem pode ter que comandar e dirigir; mas ele faz mal se não o fizer em obediência a Deus e à Sua Palavra. Esta era a essência da vida de Cristo: **'Eis aqui venho, para fazer, ó Deus, a Tua vontade'**".*

Consequentemente, o apóstolo começa suas exortações, no que diz respeito aos relacionamentos, dando o preceito geral: **"sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus"** (Ef 5:21). Deve-se observar que a leitura correta é **"no temor de Cristo"** (JND). Portanto, é de acordo com uma ordem divina que aquele que deve submissão nos relacionamentos, em cada um dos casos, deva vir em primeiro lugar; e, consequentemente, as esposas são tratadas antes dos maridos.

"Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a Cabeça da Igreja, sendo Ele próprio o Salvador do corpo. De sorte que, assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido" (Ef 5:22-24). Será visto nesta Escritura que a posição da esposa é de sujeição. Dizemos "posição" porque, como o leitor atento perceberá, a exortação é baseada no caráter do relacionamento. A esposa é de fato ordenada à sujeição, mas é com base no lugar que ela ocupa. Isso foi um tanto obscurecido pela inserção de duas palavras na tradução. Lemos: **"assim como a Igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido"**; mas omite as palavras *"sejam"* e *"sujeitas"*, que foram introduzidas, como indicam os itálicos na versão King James e a ausência delas na versão J. N. Darby, temos então uma simples declaração de fato: **"Assim como a Igreja está sujeitada a Cristo, assim também as mulheres a seus próprios maridos em tudo"** (JND). É importante notar isso, porque a sujeição, que aqui é ordenada à esposa, é vista como aquela que deve fluir da

posição em que ela está colocada – o fruto natural do relacionamento. Em outras palavras, a sujeição ao seu marido não é deixada à escolha da esposa, mas deve ser prestada por causa de seu lugar relativo. É este fato que o Espírito de Deus traz à nossa atenção.

1) A lei, então, da esposa é a vontade de seu marido; ou melhor, ela é colocada no lugar de sujeição à sua autoridade. Parece haver uma limitação a essa afirmação, indicada pelas palavras encontradas em Colossenses: **“Vós, mulheres, estai sujeitas a vosso próprio marido, como convém no Senhor”** (Cl 3:18). Se, portanto, a vontade do marido interferir na responsabilidade individual da esposa para com o Senhor – entrar em conflito com a vontade do Senhor, conforme expressa em Sua Palavra – se a alternativa for forçada sobre ela de obediência ao marido ou obediência ao Senhor, então o Senhor deve ter a reivindicação suprema. Com essa única exceção, a sua submissão ao marido deve ser completa. **“De sorte que, assim como a Igreja está sujeitada a Cristo, assim também as mulheres a seu próprio marido, em tudo”**. Portanto, não pode haver nenhuma exceção permitida além da que foi citada.

A base disso está na natureza do relacionamento: **“porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da Igreja”**. A comparação é assim traçada – sendo um o tipo ou figura do outro – entre a união de marido e mulher e a união de Cristo e a Igreja; e, conseqüentemente, entre a posição da esposa, por um lado, e a posição da Igreja, por outro. E se nos voltarmos por um momento para o que pode ser chamado em um aspecto, a instituição original do casamento, podemos ver quão notavelmente o mistério da Igreja foi prenunciado. **“Então, o SENHOR Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu; e tomou uma das suas costelas e cerrou a carne em seu lugar. E da costela que o SENHOR Deus tomou do homem formou (edificou) uma mulher; e trouxe-a a Adão. E disse Adão: Esta é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne; esta será chamada varoa [“Isha”, em hebraico],**

porquanto do varão [“Ish”, em hebraico] foi tomada. Portanto, deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne” (Gn 2:21-24). Quem pode deixar de ver que, nessa figura, Cristo, o último Adão e a Igreja estavam diante da mente do Espírito de Deus? Tão claramente nos fala daquele sono mais profundo, da morte de Cristo e da formação da Igreja, por assim dizer, tirada de Seu lado. De fato, continua até o tempo mencionado em Efésios 5:27, quando a Igreja *“será trazida ao Homem”*, e quando Ele, na complacência de Seu perfeito amor pela noiva que “brotou” para Seu próprio gozo, a reconhecerá como **“osso dos Meus ossos e carne da Minha carne”** (Gn 2:23; Ef 5:30 JND).

A esposa, portanto, ocupa o mesmo lugar em relação ao marido que a Igreja em relação a Cristo; e, portanto, sua posição, como antes dito, é de sujeição. E pode ser necessário observar que o lugar dela não é de forma alguma afetado pelo caráter do marido. É bem verdade que sua posição pode, em muitos casos, tornar-se extremamente difícil. Por exemplo, uma esposa Cristã, convertida após o casamento, pode ter um marido ímpio e que torna sua vida tão miserável quanto possível pelo mal que há no coração dele; ainda assim, seu lugar permanece intocado por essa ou qualquer outra circunstância; e quanto mais difícil for a submissão, mesmo pela ausência de afeição por parte do marido, ou de características de caráter que exigiriam o respeito dela, mais cuidadosa ela deve ser para ocupar seu lugar em fidelidade ao Senhor. Assim como nossos deveres para com os reis, **“as autoridades que há”**, são totalmente independentes do caráter pessoal daquele que ocupa tal posição, o dever de uma esposa para com o marido nunca é alterado pelo caráter dele.

Pode parecer a alguns como se o dever da esposa, como assim explicado, fosse uma das palavras mais difíceis de receber. E para a natureza, sem dúvida, muitas vezes seria impossível. Mas observe a provisão feita para isso na Palavra: **“Vós, mulheres, estai sujeitas a vosso próprio marido, como convém no Senhor”**. Assim, o próprio Senhor é trazido diante da mente da esposa; e

todos nós sabemos que as coisas que em si são cansativas e de fato intoleráveis são tornadas leves e alegres quando feitas para o Senhor. Então, no caso suposto, se a esposa mantiver o Senhor diante dela – ela vê o Senhor como se estivesse atrás de seu marido – ela achará a obediência fácil às ordens mais irracionais dele, porque então receberá tudo do Senhor.

Se, no entanto, “um marido ordenasse o que seria positivamente pecaminoso, então imediatamente a esposa aprende que não está presa, porque é dito que a sujeição ao marido é como ao Senhor. O Senhor nunca consentiria com o que é pecaminoso. Ele pode me colocar na peneira, e eu posso não entender a princípio o bem ou a necessidade disso; mas a fé constantemente encontra sua força e orientação na sabedoria do Senhor – em confiar n’Ele, e não na minha sabedoria para entendê-Lo. Mas temos que nos vigiar com muito cuidado neste assunto. Onde quer que haja a menor tendência a sair do caminho da submissão, temos que procurar e ver se somos sábios de acordo com Deus.

A natureza nunca gosta de se submeter. E onde quer que haja o perigo de alegar a verdade de Deus para qualquer ato que possa parecer uma falta de submissão à autoridade de outro, preciso me vigiar com maior zelo do que em qualquer outra coisa”.

2) A Escritura também aponta a maneira pela qual a esposa deve se comportar em relação ao marido. Assim, **“a mulher reverencie o marido”** (Ef 5:33). Pedro, da mesma maneira, fala do **“vosso honesto comportamento cheio de *temor*”** (1 Pe 3:2 – ARA). A palavra **“temor”** é a mesma que é traduzida como **“reverência”** em Efésios, e ensina que deve haver um reconhecimento, manifestado no comportamento, da posição que o marido ocupa na ordem e determinação de Deus. Não há pensamento de pavor escravo, mas simplesmente a reverência amorosa que procura agradar e teme ofender. Isso, de fato, surgirá naturalmente nela dando ao marido seu verdadeiro lugar – seu lugar como sua cabeça; e, portanto, ao render-lhe reverência, ela engrandece também a determinação de Deus.

É em tal esposa que, **“o coração do seu marido está nela confiado. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida”**. E ele será, assim, levado a confessar que, **“O que acha uma mulher acha uma coisa boa e alcançou a benevolência do SENHOR”** (Pv 31:11-12; Pv 18:22).

3) A Escritura também não é silenciosa quanto à bênção relacionada à aceitação fiel da verdadeira posição da esposa. O apóstolo Pedro, ao escrever sobre esse assunto, especifica o caso mais difícil de todos – o de uma esposa Cristã que tem um marido incrédulo. Não se deve supor que ele consinta com o casamento de um crente com um incrédulo. Isso é proibido, tanto expressamente quanto implicitamente (veja 1 Co 7:39; 2 Co 6:14-18); mas na Igreja primitiva deve ter acontecido continuamente que esposas convertidas – isto é, esposas convertidas após o casamento – se viam ligadas a maridos incrédulos e idólatras. (Veja 1 Co 7:10-16.) É desse grupo que o apóstolo fala quando diz, **“Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas ao vosso próprio marido, para que também, se algum não obedece à Palavra, pelo procedimento de sua mulher seja ganho sem palavra, considerando a vossa vida casta, em temor”**. (1 Pe 3:1-2). Isso equivale quase a uma promessa de que a sujeição amorosa, a caminhada Cristã consistente e a pureza de vida serão abençoadas para a conversão de maridos ímpios; ou, se não tanto quanto isso, é pelo menos uma afirmação de que tal é o meio designado por Deus para trazer a verdade diante da mente e consciência deles. E o que, de fato, poderia ser mais eficaz do que a constante apresentação silenciosa de Cristo a um incrédulo durante a caminhada e a vida? É digno de particular observação que o apóstolo não pressiona à esposa *a exortar* seu marido a receber a verdade. É **“sem palavra”** que o marido deve ser conquistado – pela conduta (andar, comportamento, atitude, todo o modo de vida) da esposa. A razão é clara. A exortação seria a presunção de uma posição superior, esquecendo que o marido é a cabeça da esposa e, portanto, incompatível com a posição da esposa. Mas a beleza calma de uma vida refletindo, no poder do

Espírito, gentileza, mansidão e humildade de Cristo, constituiria, na ordem e bênção de Deus, um apelo muito mais poderoso do que suas palavras, e provaria que os meios eficazes, talvez fosse a chance de ele ser trazido das trevas para a maravilhosa luz de Deus.

4) Existem outras direções para as quais se faz necessária uma advertência para uma visão completa do assunto; pois não podemos com segurança negligenciar uma única palavra que Deus, em Sua terna misericórdia, Se agradou em conceder para nossa orientação, durante o pouco tempo em que estamos esperando o retorno de nosso Senhor.

a) A primeira delas é quanto ao vestuário. O apóstolo prossegue assim: **“O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura de vestes, mas o homem encoberto no coração, no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus”** (1 Pe 3:3-4). Em total concordância com isso, pois é a mente do mesmo Espírito, Paulo escreve: **“da mesma maneira as mulheres, em comportamento e em vestidos decentes, se adornem com modéstia e discrição, não com cabelo franzidos e ouro, ou pérolas, ou vestidos caros, mas aquilo que convém às mulheres que professam o temor de Deus, por boas obras”** (1 Tm 2:9-10 – JND). Em ambas as passagens, reconhece-se a tentação que tantas vezes se apresenta à mente de uma esposa – de parecer tão bonita quanto possível aos olhos de seu marido e, ao mesmo tempo, estimular e alimentar a vaidade pessoal por adornos externos e vestes caras.

Ora, às vezes é dito que essas questões de adornos e vestes são deixadas para a consciência individual; mas é difícil entender tal linguagem à luz dessas precisas orientações. É bem verdade que, quando o coração está satisfeito com Cristo, pode não haver necessidade de sua aplicação; mas, se for esse o caso, o menor conhecimento das assembleias de Deus revela o humilhante fato de que elas são compostas de um número imenso de pessoas

cujo coração não está assim satisfeito. Nada pode ser mais triste do que a cena que muitas vezes é apresentada à mesa do Senhor. Quando estamos assim reunidos pelo Espírito de Deus, é para anunciar a morte do Senhor até que Ele venha (1 Co 11:26). E certamente, ao nos lembrarmos d'Ele na morte, somos lembrados também de que por Sua cruz o mundo está crucificado para nós e nós para o mundo (Gl 6:14). Que contradição, portanto, se alguns, esquecidos do caráter já julgado da cena pela qual estamos passando, aparece lá com traços evidentes do Egito sobre eles. E como é doloroso para o próprio Senhor ver aqueles que estão professamente fora do arraial carregando Seu opróbrio, com tantos sinais externos de mundanismo no vestuário e ornamentos – evidências de estarem praticamente “vivos no mundo”, o que quer que seja verdade para eles diante de Deus.

Não é recomendável negligenciar o vestuário, ou mesmo o adorno; por outro lado, deve-se prestar atenção a isso, mas de acordo com a Palavra de Deus. Assim, Paulo diz que as mulheres devem se adornar com roupa decente; isto é, veste “moderada”, “bem ordenada”. Vestes que sejam do tipo condizente com o **“espírito manso e quieto”**, de modo que possa haver adequação entre o vestido e o caráter. Ornamentos também são permitidos; mas eles devem ser feitos, não de ouro ou pérolas, mas de boas obras, **“como convém às mulheres que fazem profissão de temer a Deus”** (JND). Todas as passagens que tratam desse assunto exigem a consideração, em oração, de todas as esposas Cristãs; e os resultados certamente seriam para a glória do Senhor em um testemunho exterior mais distinto do lugar da rejeição (em comunhão com os sofrimentos de Cristo) e da separação para a qual fomos chamados pela graça de nosso Deus.

b) Outra direção, especialmente para as esposas jovens, é de que elas devem ser **“diligentes nos trabalhos da casa”** (Tt 2:5 – JND), ou, de acordo com a versão Almeida corrigida, **“boas donas de casa”** (???). O significado em ambos os casos é o mesmo; pois as esposas são lembradas de que sua esfera de serviço é o lar e que

nenhum trabalho ou prazer deve interferir em sua posição doméstica. Foi Deus Quem lhes deu o lar como seu campo de trabalho; e, portanto, é uma questão de fidelidade a Ele que elas o ocupem diligentemente.

c) Outras orientações especiais não precisam ser detalhadas; mas combinadas com as passagens anteriores, elas apresentam o padrão divino para a esposa; portanto, toda mulher Cristã que ocupa essa posição usará essas passagens especiais como seu espelho, e nunca é demais olhar para ele. Essa é uma esfera maravilhosa que a esposa é chamada a preencher; e ocupar-se com ela, em obediência à Palavra **"como ao Senhor"**, é a única coisa que lhe é dada a fazer. Salomão fala assim de tal esposa:

*"A força e a glória são as suas vestes,
E ri-se do dia futuro.
Abre a boca com sabedoria,
E a lei da beneficência está na sua língua.
Olha pelo governo de sua casa
E não come o pão da preguiça.
Levantam-se seus filhos, e chamam-na bem-aventurada;
Como também seu marido, que a louva, dizendo:
Muitas filhas agiram virtuosamente,
Mas tu a todas és superior".
(Pv 31:25-29 – ACF)*

Maridos

“Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela Palavra, para a apresentar a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar a sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja; porque somos membros do Seu corpo. Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da Igreja. Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido” (Ef 5:25-33).

“Vós, maridos, amai a vossa mulher e não vos irriteis contra ela [não sejais amargos para com ela – JND]” (Cl 3:19).

“Igualmente vós, maridos, coabitai com ela com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coerdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações” (1 Pe 3:7).

O dever do marido é tão simples quanto o da esposa. Como o dever dela está compreendido na palavra “sujeição”, o dele está contido na palavra “amor”. Com exceção de uma orientação enviada a uma classe especial (Tt 2:4), a esposa nunca é orientada a amar seu marido. É dado como certo que ela o fará; e, na verdade, ela raramente falha nessa direção. Mesmo que ela esteja em jugo desigual – esteja unida a alguém que não tenha a menor empatia por seus sentimentos mais santos e receba pouco amor além de indelicadeza, seu amor sobreviverá ao tratamento mais severo. Esmagado e pisado, ele surgirá e dará as boas-

vindas diante da primeira demonstração de bondade com um abraço de perdão. O amor dela é uma fonte perene. Mas com o marido muitas vezes é o contrário. Com menos emoções ternas, absorvido por suas ocupações diárias e exposto, talvez, a tentações mais severas, ele corre o risco de esquecer sua responsabilidade de amar sua esposa escolhida ou de manifestar seu amor a ela. Por isso, o Espírito de Deus traz sua responsabilidade à mente e dá esta ordem: **“Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja e a Si mesmo Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela Palavra”** (Ef 5:25-26).

1) Consideremos qual deve ser o caráter do amor do marido como aqui ordenado. **“Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja”**. É um padrão muito maravilhoso; e sem dúvida aqui introduzido por causa do caráter que representa o verdadeiro casamento, porque o casamento primordial – o entre Adão e Eva – manifestou, em figura, a união entre Cristo e a Igreja. Isso deve sempre nos ensinar a santidade e o verdadeiro caráter do casamento diante de Deus. Então, podemos perguntar, qual era o caráter do amor de Cristo pela Igreja? A resposta é dada aqui. Primeiro, Ele provou isso dando a Si mesmo por ela (v. 25); e Ele deu a Si mesmo à morte por ela, e assim de fato comprou Sua noiva. “Ele entregou a *Si mesmo*, não foi somente Sua vida, por mais verdade que seja, mas a Si mesmo. Tudo o que Cristo era foi dado e dado por Ele mesmo; significa toda a devoção e entrega de Si mesmo. E agora tudo o que está n’Ele – Sua graça, Sua justiça, Sua aceitação com o Pai, Sua sabedoria, a excelente glória de Sua Pessoa, a energia do amor divino que pode Se dar a Si mesmo – tudo é consagrado ao bem-estar da Igreja. Não há qualidades, não há excelências em Cristo, que não sejam nossas em seus exercícios como consequência da entrega de Si mesmo. Ele já as deu e as consagrou para bênção da Igreja à qual Ele Se entregou para tê-la. Não só tudo é dado, mas foi *Ele* que deu; Seu amor cumpriu isso”. E essa entrega de Si mesmo é grandemente realçada quando nos lembramos de que foi na cruz

que essa entrega foi consumada. Em segundo lugar, Seu amor é demonstrado ao santificar e purificar a Igreja com a lavagem da água pela Palavra (v. 26). Essa exibição de amor é uma coisa presente, aquela que acontece agora, e pela qual Ele amolda a Igreja a Si mesmo. “É importante observar que Cristo não santifica aqui a Igreja para torná-la Sua, mas a torna Sua para santificá-la. Ela primeiro é d’Ele, depois Ele a adapta a Si”. O meio é a Palavra, a lavagem da água pela Palavra, a verdade ensinada em João 13 pelo lavar dos pés dos discípulos pelo Senhor. E lá, lembremos-nos disso, está em conexão com o Seu amor. **“Como havia amado os Seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim”**. A santificação e purificação da Igreja é, portanto, a expressão de Seu amor permanente e imutável – amor que encontra seu prazer em torná-la moralmente adequada a Si mesmo e, portanto, nunca *Se cansa* de vigiar, cuidar e prepará-la para Si mesmo. Em terceiro lugar, o fruto de Seu amor é visto no objeto que está diante d’Ele – **“para a apresentar a Si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível”**. Isso se refere ao tempo em que o Senhor terá retornado para receber Sua Igreja para Si, ou mais exatamente, ao período indicado quando é dito: **“vindas são as bodas do Cordeiro”** (Ap 19:7), quando a Igreja como Noiva está aperfeiçoada em glória, **“E tinha a glória de Deus. A sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente”** (Ap 21:11). E nunca até então a medida e a extensão do amor de Cristo pela Igreja serão apreendidas, porque só então seu efeito e consumação serão exibidos.

E por que temos essa maravilhosa descrição do amor de Cristo pela Igreja? Para mostrar qual deve ser o caráter do amor do marido por sua esposa. **“Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a Igreja”**. Sem forçar demais a comparação em todas as suas partes, ainda não podemos deixar de observar que, como o amor de Cristo precedeu Sua entrega pela Igreja, então não pode haver uma verdadeira união aos olhos de Deus a

menos que tenha surgido do amor. O amor, e somente o amor, deve ser o motivo da escolha; e o amor deve consolidar e embelezar a união quando formada. Todo o elemento da vida conjugal deve ser o amor; e não apenas isso, mas se o marido olhar para o padrão aqui dado, ele verá que a única e constante exigência que a esposa fará a ele é por amor. O amor dele deve suportar – sobreviver a todas as provações, buscando incansavelmente aproximar sua esposa cada vez mais de si mesmo, e sempre mantendo diante dele (quanto à Terra) o objeto de uma união que, como surgiu, só pode ser consolidada por um amor imutável e infatigável. Nada menos do que isso pode ser pretendido por esse modelo divino. Uma aplicação especial talvez não esteja fora de lugar. Muitos maridos Cristãos se encontram unidos a uma incrédula; mas seu dever permanece o mesmo. E assim como o amor de Cristo busca a bem-aventurança eterna da Igreja, o amor do marido não se satisfará em procurar garantir o conforto e a felicidade presentes de sua esposa; mas será exibido no ministério vigilante e terno daquela Palavra que traz o conhecimento da salvação, por meio da fé no Senhor Jesus. Todo marido, de fato, sentirá a obrigação de cuidar do bem-estar espiritual de sua esposa; pois é nessa direção que seu amor mais de perto compartilhará o mesmo caráter que o amor de Cristo pela Igreja. Verdadeiramente, portanto, o casamento, de acordo com Deus, não é uma coisa sem importância; e quanto mais profundamente isso for sentido, maior será a necessidade de dependência constante do marido, a fim de cumprir de alguma forma sua responsabilidade. E, pode-se acrescentar, quanto mais constantemente ele mesmo permanece na percepção do amor de Cristo, mais livremente seu amor fluirá para com sua esposa.

2) Mas novamente é acrescentado: "Assim devem os maridos amar sua própria mulher como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo. Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor à Igreja; porque somos membros do

Seu corpo. Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da Igreja. Assim também vós, cada um em particular ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido” (Ef 5:28-33).

Aqui somos levados de volta, como foi observado, ao jardim do Éden, à criação e apresentação de Eva a Adão, que em si é uma figura manifesta da união entre Cristo e a Igreja; e esse fato explica a maneira pela qual o apóstolo tece as duas coisas nessas exortações. (Veja Gn 2:21-25). A união é assim considerada tão completa – como Adão disse de Eva: **“Esta é agora osso de meus ossos e carne da minha carne”**; e novamente: **“serão ambos uma carne”** – ou seja, cada homem deve amar sua esposa como a seu próprio corpo. Nesse aspecto, o amor-próprio deve ser a medida do amor de um homem por sua esposa; e como este é um dos instintos de nossa natureza – e naturalmente seu princípio governante – é impossível conceber uma direção mais definida e abrangente. Que, portanto, a unidade da união – eles dois serão uma só carne – seja apreendida, e o amor seguirá; pois o marido então não considerará mais sua esposa como uma parte distinta, mas como parte de si mesmo. Assim, o que quer que a toque, o tocará; e seu amor-próprio, movendo-se agora em um círculo mais amplo, a inclui, e tudo o que afeta e diz respeito a ela, estará dentro de sua esfera. Tudo o que ele deseja para si mesmo, ele também desejará para sua esposa; todo o cuidado que ele exerce para si mesmo, ele exercerá por ela; e tudo o que ele recebe, ele receberá por ela, bem como por si mesmo. Em uma palavra, todo o bem que ele busca e todo o mal que ele desaprova, ele também procurará e desaprová por sua esposa, assim como por si mesmo; pois juntos eles são **“uma só carne”** e, portanto, aquele que ama sua esposa ama a si mesmo. A Palavra de Deus fornece assim um antídoto perfeito contra o egoísmo e conduz o marido ao sacrifício próprio, que é o fruto de todo o amor verdadeiro, e que encontra sua mais alta exemplificação em Cristo, que amou a Igreja e Se entregou por ela.

Dissemos que o amor-próprio deve ser a medida, no aspecto considerado, do amor do marido por sua esposa; mas é notável como isso também está ligado a Cristo, ensinando-nos que em nenhum amor-próprio humano, mas apenas no amor de Cristo pela Igreja, seu verdadeiro padrão e exemplo podem ser encontrados. Pois, mostrando o outro lado, o apóstolo prossegue: **“Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne; antes, a alimenta e sustenta, como também o Senhor¹ à Igreja”**. Isso deve ser acrescentado novamente, pois se quisermos ter uma percepção completa da responsabilidade, essa obrigação de amor também independe do caráter da esposa. Nenhuma quantidade de indignidade na esposa, a não ser o único pecado especificado por nosso Senhor, pode desculpar o marido do dever do amor; pois Cristo ama a Igreja incessantemente, e apesar de todas as falhas e fracassos, e ainda pior; sim, Ele está até mesmo procurando afastá-la de suas falhas e purificá-la de suas contaminações por Sua perfeita caridade; e Seu amor, seja isso sempre lembrado, é o modelo daquele do marido. Pode ser que ele deixe de copiá-lo em sua infinita perfeição; mas, não obstante, é Seu amor que o marido deve ter diante de seus olhos. Contemple nisso a sabedoria de Deus; pois aqui está a provisão para direcionar o olhar do marido para Cristo, para mantê-lo diante de sua alma, e assim ele certamente será atraído à imitação de Seu amor; pois ninguém jamais falhou enquanto seus olhos e coração estavam fixos em Cristo.

3) O apóstolo Pedro se limita a certos aspectos da responsabilidade do marido. **“Igualmente vós, maridos, coabitai com ela com entendimento, dando honra à mulher, como vaso mais fraco; como sendo vós os seus coerdeiros da graça da vida; para que não sejam impedidas as vossas orações”** (1 Pe 3:7).

Coabitar com a esposa **“com entendimento”** é ter o relacionamento e os afetos adequados a ele ordenados pela verdade, pelo conhecimento que o Cristão tem do relacionamento aos olhos de Deus. E isso é extremamente

importante; pois aqui reside a diferença entre o crente e o incrédulo nessas posições relativas; e cabe ao Cristão agir, em tudo isso, de acordo com o novo lugar em que ele foi trazido pela morte e ressurreição de Cristo. O marido Cristão, portanto, habitará com sua esposa de acordo com a verdade de sua união com ela, conforme revelada na Escritura.

Além disso, ele deve honrar sua esposa, e isso por dois fundamentos. Primeiro, no terreno natural, porque ela é o vaso mais fraco. Não há dúvida de que essa referência é à estrutura e à constituição mais delicadas da mulher, exigindo e merecendo um tratamento mais gentil e terno. De modo que, assim como a fraqueza constitui uma reivindicação de força para consideração e apoio, a esposa, como **“o vaso mais fraco”**, tem uma reivindicação sobre o marido por vigilância e cuidado atenciosos e amorosos. Ele deve dar-lhe honra, prestando a ela toda a atenção que sua natureza mais delicada exige. É possível, no entanto, que possa haver uma referência ao fato de que **“Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão”** (1 Tm 2:14), e assim ela mostrou ser **“o vaso mais fraco”**, sendo a primeira a cair por meio da sutileza do diabo. Mais vulnerável, especialmente por meio dos afetos, ela precisa e exige de seu marido cuidados vigilantes e ternos para protegê-la das tentações peculiares às quais, com sua natureza mais fraca, ela está constantemente exposta. Mas, em segundo lugar, essa exortação é fundamentada na graça, bem como na natureza, **“porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida”** (1 Pe 3:7 – ARA). Em Cristo não há homem nem mulher (Gl 3:28 – ARA). Todas as distinções naturais, portanto, como constituindo qualquer superioridade relativa em Cristo, são abolidas. Ainda que o marido reivindique a sujeição natural de sua esposa, ele nunca deve esquecer que, se ambos são filhos de Deus, eles são juntos **“herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo”** (Rm 8:17). E, como tal, ele deve honrar sua esposa; pois esses laços naturais e essas conexões conjugais são apenas para a Terra; e quando o Senhor vier para receber Seu povo para Si mesmo, maridos e esposas

serão igualmente arrebatados nas nuvens, para encontrar o Senhor nos ares; e então ambos serão semelhantes a Cristo e estarão para sempre com Ele.

A atenção a essa determinação é mais necessária pelo motivo dado, **“para que não sejam impedidas as vossas orações”**. Pressupõe-se que marido e mulher se unam habitualmente em oração; e, portanto, o aviso é que qualquer falha do marido em honrar sua esposa tenderá a perturbar a harmonia de sentimentos e, assim, impedir a oração. Seria bom se todos os maridos e esposas Cristãos ponderassem essas palavras com frequência. Pois nas atividades deste tempo presente há grande perigo de negligenciar essa união em oração; e a menor perturbação da concórdia sempre os tentará a negligenciá-la ainda mais. Satanás sabe disso e, portanto, sempre procura obscurecer a paz desses relacionamentos; pois ele não se esquece de que é impossível para marido e mulher irem juntos ao trono da graça quando há discórdia, por menor que seja, no coração deles. O marido deve vigiar contra essa armadilha, lembrando-se da importância de suas orações não serem impedidas. Pois quantas coisas estão constantemente ocorrendo em cada família que precisam ser derramadas diante de Deus! E como é abençoado quando marido e mulher podem ir juntos, com um só coração, em relação a toda dificuldade e perplexidade, ao trono da graça!

4) Há uma coisa que o marido é ensinado a evitar: “Vós, maridos, amai a vossa mulher e não vos irriteis contra ela [não sejais amargos para com ela – JND]” (Cl 3:19). Pode-se pensar que, se o amor fosse garantido, não haveria lugar para a amargura. Mas é assim na experiência real da vida? Muitos maridos que verdadeiramente amam sua esposa proferem, em momentos de falta de vigilância, quando estão fora da presença de Deus, palavras precipitadas, que são tão amargas quanto fel para um coração terno. O objetivo da advertência parece, portanto, o de garantir o exercício constante de um espírito de julgamento próprio, para que o marido possa evitar tudo o que possa incomodar ou irritar o espírito de sua esposa. A amargura –

qualquer que seja a provocação – deve ser cuidadosamente evitada; e isso será feito com mais facilidade se ele se lembrar de sua responsabilidade de amar sua esposa, assim como Cristo amou a Igreja e Se entregou a Si mesmo por ela.

Tais, então, são as exigências divinas para o marido. Talvez pudéssemos nos esquivar delas, se não nos lembrássemos de que Aquele que os ordena está sempre à mão para suprir a graça necessária e nos capacitar a andar de acordo com Sua Palavra. O poder para tal caminhada é encontrado no Espírito Santo que habita em nós; e na medida em que Ele sempre nos leva a Cristo, descobriremos que o caminho assim indicado é de paz e bênção, levando-nos ao gozo de uma comunhão que antecipa, de forma evidente, aquela entre Cristo e a Igreja. Como Cristo para a Igreja, assim é o marido para a esposa. Portanto, para cumprir os deveres de um marido, é necessário que Cristo, em Seu amor pela Igreja, esteja sempre diante da alma; e então, se os olhos estiverem voltados para Cristo, haverá transformação à Sua semelhança (2 Co 3:18) e a consequente expressão de Cristo no relacionamento que o marido mantém com sua esposa.

Filhos

“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe; que é o primeiro mandamento com promessa; para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a Terra” (Ef 6:1-3).

“Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor” (Cl 3:20).

“Maldito aquele que desprezar a seu pai ou a sua mãe!” (Dt 27:16).

“Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a lei de tua mãe. Ata-os perpetuamente ao teu coração e pendura-os ao teu pescoço. Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo. Porque o mandamento é uma lâmpada, e a lei, uma luz, e as repreensões da correção são o caminho da vida” (Pv 6:20-23).

“Ouve a teu pai, que te gerou, e não desprezes a tua mãe, quando vier a envelhecer” (Pv 23:22).

Os filhos ocupam um lugar importante e muito abençoado na Palavra de Deus; e tanto no Velho quanto no Novo Testamento são encontrados aqueles cujos nomes são reverenciados em nosso coração, desde nossa infância, como exemplos de piedade e devoção a Deus quando ainda pequenos. José, Samuel e Timóteo – para não dizer nada agora do Menino de Nazaré, Quem supera tudo – estão conectados com nossas primeiras lembranças das instruções dos pais da Escritura. Principalmente, no entanto, são os filhos do povo de Deus que são trazidos diante de nós, e é muito evidente que eles são os objetos de Seu cuidado especial. Encontramos, por exemplo, no livro de Deuteronômio instruções muito minuciosas para instrução deles (Dt 6:6-7; veja também Dt 4:9 e Dt 11:19); e no oitavo dia após o nascimento eles deveriam ser formalmente introduzidos nos

privilégios do concerto do povo (Gn 17:10-13). Da mesma forma, no Novo Testamento, e, como foi observado em um capítulo anterior, naquelas porções (Efésios e Colossenses) que lidam com a verdade mais completa da porção do crente em Cristo, bem como com a mais alta verdade da Igreja, temos não apenas determinações a esse respeito, mas também dirigidas aos filhos. O coração de Deus, fluindo para Seus santos, inclui também os filhos deles dentro do círculo de Suas afeições. E que pai há que – e, pode-se acrescentar, que filho há que recebendo ensino bíblico – não se voltou com grato regozijo para aquela cena nos evangelhos em que o Senhor Jesus, em Sua infinita graça e ternura, toma as crianças em Seus braços e as abençoa, e diz, repreendendo assim Seus discípulos: **“Deixai vir os pequeninos a Mim e não os impeçais, porque dos tais é o Reino de Deus”**? (Mc 10:14); ou para aquela outra, onde, a fim de ensinar aos doze uma lição necessária, **“Trazendo uma criança, colocou-a no meio deles e, tomando-a nos braços, disse-lhes: Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em Meu nome, a Mim me recebe; e qualquer que a Mim me receber, não recebe a Mim, mas ao que Me enviou”**? (Mc 9:36-37 – ARA). Precioso Salvador! Bem-aventurada criança!

Mas é antes para as próprias crianças – os filhos dos crentes – que este capítulo será abordado; e certamente elas serão encorajadas a considerar as Palavras que acabaram de ser citadas, e que Deus fez com que fossem escritas para orientação delas, pelas evidências de Seu amor e cuidado. Como, de fato, quando o Senhor veio à noite, e **“chamou o menino: Samuel, Samuel! Este respondeu: Eis-me aqui!”**, e finalmente disse, depois que Eli lhe ensinou Quem era que o chamara: **“Fala, SENHOR, porque o Teu servo ouve”** (1 Sm 3:3-9); assim, que toda criança que pode ler estas páginas possa desejar tomar a mesma atitude de simples sujeição à Palavra de Deus.

As instruções dadas são muito breves e muito simples; embora compreendam todo o círculo da vida dos filhos. **“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais *no Senhor*, porque isto é justo. Honra**

a teu pai e a tua mãe; que é o primeiro mandamento com promessa; para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a Terra” (Ef 6:1-3). **“Filhos, obedeei a vossos pais em tudo, porque isto é agradável *no Senhor*”** (Cl 3:20 – TB).

É de suma importância observar que os filhos – os filhos de quem falamos – são, portanto, colocados em responsabilidade pessoal direta para com o Senhor. Colocados sob a autoridade dos pais, eles são ao mesmo tempo reconhecidos como estando sob responsabilidade para com Cristo e, portanto, sua obediência deve ser prestada **“no Senhor”**. Isso define imediatamente o caráter e o limite do dever deles; pois os mandamentos dos pais, quando corretamente dados, têm uma sanção divina, de modo que os filhos não apenas obedecem aos pais, mas também ao Senhor. Por outro lado, nenhum mandamento poderia ser obrigatório para aquele cuja obediência no Senhor não pudesse ser prestada. **“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo”** (Ef 6:1). Não poderia ser *justo* para a criança fazer qualquer coisa que fosse pecado contra o Senhor. A harmonia entre os dois – o dever e o limite – é muito bela porque perfeitamente exemplificada na vida do Senhor Jesus quando Ele era Criança. Quando tinha doze anos de idade, José, seu pai **“(como se cuidava)”**, e sua mãe O levaram a Jerusalém para a festa. Em seu retorno, Ele ficou para trás em Jerusalém. Ao descobrir Sua ausência, José e Maria **“voltaram para Jerusalém, procurando-O. E aconteceu que, passados três dias, O acharam no templo, assentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E todos os que O ouviam admiravam a Sua inteligência [entendimento – JND] e respostas. E, quando O viram, maravilharam-se, e disse-Lhe sua mãe: Filho, por que fizeste assim para conosco? Eis que Teu pai e eu, ansiosos, Te procurávamos. E Ele lhes disse: Por que é que Me procuráveis? Não sabeis que Me convém tratar dos negócios de Meu Pai? E eles não compreenderam as palavras que lhes dizia. E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito. E Sua mãe guardava no coração todas essas coisas”** (Lc 2:42-51). Nesse

belo incidente, temos as duas coisas – a responsabilidade da obediência e seu limite diante de Deus – em perfeito ajuste. O Senhor em graça, tendo Se tornado um Filho, toma o lugar de um Filho e, como tal, reconhece Sua responsabilidade de obediência a José e Maria, enquanto, ao mesmo tempo, Ele reconhece e afirma que Ele *deve* tratar dos negócios de Seu Pai. **“Filho”**, disse Maria, **“por que fizeste assim para conosco?”** – palavras que, independentemente de sua ternura, implicavam uma reprovação. Mas a resposta dada silenciou toda reclamação: “Não sabeis, porventura, como deveríeis saber, que Meu Pai tem o primeiro direito sobre Mim e que, portanto, ao Me ausentar de vós, Eu estava agindo em obediência a Ele?”. Assim, o Senhor Jesus também é o exemplo perfeito do Filho; e é acrescentado, a fim de enfatizar esta verdade: **“E desceu com eles, e foi para Nazaré, e era-lhes sujeito”**.

Podemos agora examinar um pouco mais de perto a natureza da responsabilidade dos filhos.

1) “Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais” – obedeçam aos seus pais em todas as coisas. A posição dos filhos, portanto, é de completa sujeição e brota naturalmente do relacionamento que existe entre eles e seus pais. Mas além de todos os relacionamentos naturais, o que persiste aqui é a vontade do Senhor, pois foi Ele Quem deu a cada um seus respectivos lugares e, portanto, Quem exige que os filhos sejam obedientes a seus pais; e esse fato eleva imediatamente a responsabilidade de um filho à luz de Sua presença e, ao mesmo tempo, mostra que a obediência deve ser prestada *no* Senhor.

Mas em que, pode-se perguntar, reside a verdadeira obediência? Ou quais são as características da obediência? *O que a distingue acima de tudo é a aceitação da autoridade que tem o direito de comandar*, pois quando reconheço que minha própria vontade não tem lugar, que é a vontade de outro que tem que dirigir e controlar minhas ações, aceito e mantenho a *atitude* ou obediência. E isso é essencial, porque então, sou libertado da

tentação de julgar os mandamentos que posso receber. Costuma-se dizer que o principal requisito de um bom soldado é *obediência inquestionável*. Assim também com um filho. Sua obediência, dentro dos limites definidos pelas palavras **“no Senhor”**, deve ser inquestionável, e só pode ser assim quando a posição de sujeição aos pais é fiel e plenamente aceita.

A verdadeira obediência também será *pronta*. A obediência adiada é muitas vezes desobediência em uma de suas piores formas, e certamente revela tanto a insubmissão quanto a vontade própria; pois assim que o comando é dado, a obrigação é compulsória, e cada momento de atraso (a menos que permitido pelos pais) é a afirmação e o prolongamento da oposição à autoridade deles. O Senhor nos deu uma ilustração relacionada a isso, e do seu perigo, numa das Suas parábolas. **“Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha... e, respondendo ele, disse: Eu vou, senhor; e não foi”** (Mt 21:28, 30). Assim, neste caso, é mais do que provável que o filho quisesse obedecer, quando respondeu: **“Eu vou, senhor”**; mas deixando a execução da ordem que recebeu e, sendo assim desobediente, ele ainda se demorou e, no final, não obedeceu a seu pai. Como nosso Senhor nos mostra aqui, o filho que disse a princípio: **“Eu não vou”**, mas depois se arrependeu e foi, era mais obediente do que o mentiroso que disse **“eu vou”**, mas não foi. Esse perigo é muito sutil. Assim, uma criança muitas vezes raciocinará: “tanto faz fazer isso agora ou daqui uma hora”; e no que diz respeito a determinado assunto, pode ser que seja assim. Mas deve ser lembrado, não apenas como já foi dito, que a obrigação de obedecer é imediata, mas também que o hábito de deixar de obedecer pode logo se formar; e então o próximo passo pode ser a falta de vontade de obedecer. Portanto, nunca é demais enfatizar a importância de uma resposta imediata a cada comando recebido.

A obediência deve ser com disposição e imediata, ou como a Escritura ensina no caso dos servos, deve ser **“fazendo de coração a vontade de Deus”** (Ef 6:6). Todos, de fato, perceberão que uma mera obediência exterior – uma obediência que é

prestada com relutância, que não seria prestada a menos que fosse compelida – não é obediência alguma. A verdadeira obediência só pode brotar do amor; como duas linhas de um hino dizem:

*"O amor faz nossos pés dispostos
Em pronta obediência se moverem;"*

Ou ainda, como nosso Senhor ensina a Seus discípulos: **"Se Me amardes, guardareis os Meus mandamentos"** (Jo 14:15). Paulo cita o mesmo quando diz: **"Porque o amor de Cristo nos constrange"** (2 Co 5:14). Da mesma forma, a obediência aos pais só pode brotar do amor; pois o amor tanto gosta de agradar quanto teme ofender; sim, ainda mais, o amor considerará uma honra ser usado para fazer algo. É assim com os anjos no céu. A felicidade deles consiste em fazer a vontade de Deus; e a felicidade temporal dos filhos que amam seus pais consistirá em grande parte na obediência à vontade deles.

Para que não haja engano, podemos perguntar de forma definida: Existe algum limite para a obediência que um pai pode exigir de seus filhos? Já citamos isso; mas o assunto é tão importante que parece aconselhável abordá-lo mais detalhadamente. As palavras, então, **"no Senhor"** e **"agradar no Senhor"** (TB) definem, como pensamos, tanto a natureza quanto o limite da obediência dos filhos a seus pais; isto é, em primeiro lugar, *a obediência nunca adquire seu caráter adequado* – a menos que o próprio Senhor seja o objeto diante da mente. Ela deve ser prestada como se fosse para Ele – para Aquele que dá aos pais e aos filhos suas respectivas posições. Em segundo lugar, a menos que a ação requerida possa ser feita no Senhor, ela não é obrigatória. Se um mandamento for dado por um pai a um filho que não pode ser obedecido com uma boa consciência diante do Senhor, então isso não tem força em Sua presença. Este princípio é constantemente afirmado na Escritura. Assim, somos instruídos a estar **"sujeitos às autoridades superiores"**; mas quando Nabucodonosor ordenou a Sadraque, Mesaque e Abednego que

se prostrassem e adorassem a imagem de ouro que ele havia estabelecido no campo de Dura, eles responderam: **“Não serviremos aos teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste”** (Dn 3:14-18). Pedro e João também, quando proibidos de falar ou ensinar em nome de Jesus, responderam: **“Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus”** (At 4:18-19). Portanto, embora Deus confira autoridade aos homens nos diferentes relacionamentos da vida, Ele nunca abdica dos Seus, ou sofre qualquer reivindicação humana para limitar Sua própria supremacia. O Senhor Jesus disse assim: **“Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim não é digno de Mim”** (Mt 10:37; veja também Lc 14:26).

Os filhos, então, devem estar em completa sujeição aos pais, exceto no único caso de suas ordens entrarem em conflito com a autoridade e as reivindicações do Senhor. Fazendo essa exceção – e até enfatizando-a – os filhos devem ter muito cuidado para não reclamar em casos duvidosos: eles devem ter certeza de que há oposição às reivindicações do Senhor no comando dos pais antes de se aventurarem a recusar a obediência, *ou seja*, eles devem ter certeza de que a razão para um passo tão grave e solene não vem de fantasias próprias, mas da convicção do que é devido ao Senhor, pois é Ele Quem deu a seus pais o lugar de autoridade suprema na família e, portanto, é somente quando for para Sua própria glória que essa autoridade pode ser desconsiderada. **“Filhos, obedecei a vossos pais em tudo, pois isto é agradável no Senhor”** (Cl 3:20 – TB). Não se supõe nesta determinação, na medida em que a epístola é dirigida aos crentes, que qualquer ordem dada pelos pais possa entrar em conflito com a autoridade do Senhor; e a adição das palavras: **“pois isto é agradável no Senhor”**, define o círculo da extensão e supremacia da autoridade dos pais, como acabamos de explicar. Assim, vemos que os pais são absolutos em seu próprio círculo – o círculo descrito por Deus; mas este círculo está incluído dentro do maior, sobre o qual o próprio Senhor é Supremo.

A obediência é obrigatória por dois motivos. Primeiro, **“Porque isto é justo”** (Ef 6:1). Ou seja, Deus declara que a obediência é a coisa justa a ser prestada pelos filhos a seus pais; que é adequada para o lugar *do* pai para comandar, e para o lugar *do* filho para obedecer. Em segundo lugar, diz: **“Porque isto é agradável no Senhor”** (Cl 3:20 – TB). Aqui, os filhos são lembrados de sua responsabilidade e incentivados pela garantia da aprovação do Senhor em seu caminho de sujeição. E o valor que Deus atribui à obediência de filhos pode ser extraído de Sua estimativa de desobediência. Assim, na lei, lemos: **“Maldito aquele que desprezar a seu pai ou sua mãe”** (Dt 27:16; veja também Êx 21:17; Dt 21:18-21; Pv 30:11, 17). O apóstolo também qualifica a desobediência aos pais como um dos sinais característicos dos tempos difíceis dos últimos dias (2 Tm 3:1-2 – ARA) e de grande corrupção moral (Rm 1:30). E o menor conhecimento dos fatos da vida mostrará abundantemente que o primeiro passo em uma carreira descendente muitas vezes começou com a desobediência aos pais. Escreva as histórias de todos os pobres filhos e filhas pródigos que, no momento presente, estão procurando satisfazer sua fome com as **“bolotas que os porcos comiam”**, e descobrirá que a raiz de toda a sua miséria temporal pode ser rastreada até a vontade própria e a insubmissão em seu lar paterno.

Portanto, por meio de encorajamentos e advertências, os filhos são lembrados do valor que Deus atribui à obediência aos pais. Que cada filho, então, evite a tentação da desobediência, como uma das armadilhas mais perigosas de Satanás, e seja encorajado a sempre manter o lugar de sujeição à vontade dos pais, sabendo que é agradável ao Senhor.

2) Temos outra palavra em Efésios – citada, é verdade, da lei, mas aqui reafirmada quanto à sua força moral – para expressar o que é devido pelos filhos a seus pais. Essa palavra é **“honra”**. **“Honra teu pai e tua mãe”**. Se a obediência descreve a responsabilidade dos filhos quanto à conduta e ação, **“honra”** expressa antes o que deve ser seu sentimento habitual em relação aos pais. É uma

palavra particularmente solene; pois é a mesma usada por nosso bendito Senhor quando Ele diz **“que todos os homens honrem o Filho, como honram o Pai. Quem não honra o Filho, não honra o Pai, que O enviou”** (Jo 5:23). Na verdade, esse é um termo que descreve da verdadeira piedade do filho; pois para honrar seus pais, os filhos devem não apenas reconhecer a posição e o direito de controle de seus pais, mas devem estimá-los e reverenciá-los, conforme estabelecido em sua posição de autoridade pelo Senhor. Portanto, o filho que honra seus pais quererá apresentarlhes as expressões exteriores de homenagem e respeito, valorizará seus conselhos e instruções, obedecerá a eles em sua ausência como em sua presença, evitará tudo o que possa lhes causar dor ou tristeza, se alegrará em deixar seus sentimentos e desejos, e de todas as maneiras possíveis, por palavra, maneira e ação, se regozijará em lhes conceder o devido respeito e atenção filial que pertencem à posição para a qual foram divinamente designados.

Desejamos recomendar este assunto à atenção dos filhos dos crentes. Que eles reflitam com frequência sobre suas responsabilidades para com os pais – responsabilidades que o próprio Senhor ordenou a eles – porque Ele os trouxe, como filhos de Seu povo, a um relacionamento imediato com Ele na Terra. É diante d'Ele, portanto, que eles são responsáveis; e se esse pensamento apenas gerar, mesmo da maneira mais fraca, um sentimento de fraqueza e incapacidade, e um clamor a Ele por ajuda, Aquele que os colocou nessa posição de responsabilidade certamente os sustentará, e sendo criados, pelo cuidado de seus pais, **“na disciplina e admoestação do Senhor”** (ARA), eles serão levados adiante para um conhecimento pessoal d'Ele como seu Salvador, bem como seu Senhor; e então será seu gozo ser contados, juntamente com seus pais, entre os Seus redimidos.

Pais

“E vós, pais (varões), não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor” (Ef 6:4 – ARA).

“Vós, pais (varões), não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo” (Cl 3:21).

“E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás [ensinarás diligentemente – KJV] a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te” (Dt 6:6-7; veja também Dt 4:9 e Dt 11:19).

“Porque Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e pôs uma lei em Israel, e ordenou aos nossos pais que a fizessem conhecer a seus filhos” (Sl 78:5-8).

Todo pai sabe algo sobre – e sente em certa medida – a solene responsabilidade relacionada ao governo e à instrução de seus filhos. Dificilmente se pode imaginar um campo de dever mais difícil; e, no entanto, por sua própria natureza, existem poucos aspectos da vida que, quando ocupados em uma simples e focada dependência do Senhor, produzem resultados tão abençoados. Quantos dos santos de Deus atribuíram sua conversão ao proceder de pais piedosos e fiéis! Quando, portanto, consideramos a vasta influência para o bem ou para o mal que os pais devem exercer – as questões solenes de sua responsabilidade – deve sempre ser uma questão importante: Qual é a natureza do dever dos pais para com seus filhos? Como em todos os deveres práticos do crente, a Escritura abunda em instrução sobre esse ponto. Eles ensinam tanto por exemplo quanto por preceito; ela apresenta, para nossa consideração, filhos, como Samuel, que são dedicados ao Senhor no primeiro período da vida; ela retrata as más consequências do desgoverno

dos pais; e ela dá preceito sobre preceito, tanto no Velho quanto no Novo Testamento, para a orientação daqueles que desejam ser instruídos na sabedoria de Deus. Talvez seja proveitoso citar no início algumas dessas passagens, a fim de coletar as instruções assim oferecidas.

Podemos, em primeiro lugar, apontar o fato de que uma bênção especial repousou sobre Abraão, por causa de sua fidelidade a Deus, no governo de sua família. **"Porque", disse o Senhor, "Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do SENHOR, para agirem com justiça e juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado"** (Gn 18:19; veja o contexto). Também podemos citar as desordens na família de Jacó e sua causa óbvia. E então, passando para o livro de Deuteronômio, temos exortações diretas: **"E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás [ensinarás diligentemente – KJV] a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te"** (Dt 6:6-7; veja também Dt 4:9 e Dt 11:19). O exemplo de advertência de Eli reforça a mesma lição **"Porque já eu lhe fiz saber"**, disse Deus a Samuel, a respeito do sacerdote idoso, **"que julgarei a sua casa para sempre, pela iniquidade que ele bem conhecia, porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu [não os impediu – JND]"**, isto é, não impôs sua autoridade paternal (1 Sm 3:13). Davi dá outro exemplo notório de desgoverno familiar. Algumas instruções diretas podem ser adicionadas: **"Porque Ele estabeleceu um testemunho em Jacó, e pôs uma lei em Israel, e ordenou aos nossos pais que a fizessem conhecer a seus filhos, para que a geração vindoura a soubesse, e os filhos que nascessem se levantassem e a contassem a seus filhos; para que pusessem em Deus a sua esperança e se não esquecessem das obras de Deus, mas guardassem os Seus mandamentos e não fossem como seus pais, geração contumaz e rebelde, geração que não regeu o seu coração, e cujo espírito não foi fiel para com Deus"**

(Sl 78:5-8). Nos Provérbios de Salomão também há muitas admoestações quanto ao tratamento dos filhos: **“Castiga teu filho enquanto há esperança, mas para o matar não alçarás a tua alma”** (Pv 19:18). **“Não retires a disciplina da criança, porque, fustigando-a com a vara, nem por isso morrerá. Tu a fustigarás com a vara e livrarás a sua alma do inferno”** (Pv 23:13-14). Mais uma: **“Castiga o teu filho, e te fará descansar e dará delícias à tua alma”** (Pv 29:17). Passemos agora ao Novo Testamento: **“E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor”** (Ef 6:4 – ARA). **“Vós, pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo”** (Cl 3:21).

Citamos livremente o Velho Testamento, bem como o Novo; pois enquanto é para este último que devemos procurar o caráter completo e a medida da responsabilidade do crente nos relacionamentos terrenos, ainda não se pode deixar de observar que há uma unanimidade notável nas instruções dadas quanto aos filhos em todas as partes da Palavra de Deus. Em todos os casos, o crente é encarregado de governar e instruir seus filhos para Deus – instruí-los a partir da Escritura.

Esse fato mostra a importância de entender o relacionamento ao qual os filhos foram trazidos para com Deus por meio de seus pais crentes. Essa relação, como foi demonstrado ao tratar da **“casa”**, é, por assim dizer, exterior, mas ainda envolve responsabilidades tanto para os pais quanto para seus filhos. Corresponde um pouco à posição dos filhos israelitas. Embora não fossem salvos por causa da descendência deles, eles eram contados entre o povo terrenal de Deus e, como tal, precisavam ser instruídos quanto às exigências de Deus e suas responsabilidades. (Veja Dt 6:6-7.) Como Deus os havia separado do resto das nações, eles deveriam ser ensinados e instruídos como Seu povo na Terra. Da mesma forma, os pais são agora exortados a criar seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor (Ef 6:4).

1) É um tanto notável que a primeira exortação seja: **“E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira”**. Assim também em Colossenses: **“Vós, pais, não irriteis a vossos filhos”** (Cl 3:21). Não é exatamente a mesma palavra, embora o significado não seja muito diferente. Isso será imediatamente entendido quando se perceber que essa exortação segue o chamado para que os filhos obedeçam a seus pais. Os pais são colocados em autoridade quase absoluta; e, portanto, a primeira coisa que o Espírito de Deus faz ao Se voltar para os pais é admoestá-los quanto à maneira pela qual devem exercer sua autoridade. Sabendo o que é a carne, mesmo em um Cristão, e quão aptos estamos a ser tirânicos e despóticos na posição em que Deus nos colocou, Ele, em terna consideração por aqueles que são colocados na posição de súdito, diz: **“Não provoqueis vossos filhos à ira”**. Os pais têm controle quase ilimitado (limitado apenas pelas palavras adicionadas à determinação **“no Senhor”**) sobre seus filhos, mas são advertidos de que devem ter cuidado diante de Deus quanto ao método de seu governo. Eles devem considerar os sentimentos de seus filhos e, embora nunca devam diminuir um jota ou til do que é devido ao Senhor, devem se lembrar de sua fraqueza; não impor sobre eles mais do que podem suportar, para que não fiquem desanimados. Uma ilustração mais impressionante da ternura de Deus pelos filhos dificilmente poderia ser concebida – uma ternura que foi exemplificada repetidas vezes por nosso bendito Senhor enquanto estava aqui na Terra – do que é expresso nessa determinação especial aos pais. E todos sabemos como somos capazes de ser caprichosos ou duros em nosso governo; e, portanto, precisamos desse lembrete. Que todos os pais, portanto, se lembrem de que, se, por um lado, Deus lhe deu o governo sobre sua família, por outro, Ele definiu cuidadosamente o caráter de seu exercício; e que ele é tão responsável por este último quanto pelo primeiro.

“Para que não percam o ânimo”. Como é fácil desencorajar os filhos, especialmente dos caminhos corretos do Senhor. Com suscetibilidades aguçadas e ternas, de observação rápida e

rápida detecção de inconsistências, o governo severo poderia muito rapidamente desfazer anos de ensino paciente e rapidamente desfazer os esforços mais diligentes para criá-los na doutrina e admoestação do Senhor. Os pais, portanto, não devem deixar de ser muito cuidadosos nesse ponto; e se lembrarem de que suas próprias posições vêm de determinação divina e que seus filhos devem ser governados e instruídos para Deus, isso os ajudará a que ajam com esse cuidado.

2) “mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor”. As palavras empregadas são as mais significativas. Mais exatamente, é *disciplina* e *advertência*. A disciplina se aplicará a todo o andamento da instrução ou educação; a advertência implica vigilância constante para alertar contra perigos, esquecimento ou afastamento do caminho em que estão sendo conduzidos. Nem o significado exato de **“criai-os”** deve passar despercebido. Significa edificar; e, portanto, nos remete, *em* relação às crianças, à primeira infância. É importante notar isso, porque muitos pais caem no erro de supor que devem esperar pela conversão de seus filhos antes de procurarem cumprir essa determinação; e, portanto, o triste espetáculo é frequentemente apresentado de pais Cristãos permitindo a seus filhos *todos* os tipos de maneiras mundanas, vestimentas e diversões, sob o argumento de que eles ainda não são do Senhor. Isso é perder todo o ponto do ensino dessas passagens, bem como esquecer o lugar especial em que os filhos dos crentes são trazidos. O Espírito de Deus não diz: Espere e ore pela conversão de seus filhos; mas Ele diz: *Criai-os* na doutrina e admoestação do Senhor. Você deve, portanto, acreditar em Deus e na Sua Palavra, contando com Ele para a bênção contida na promessa: **“Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele”** (Pv 22:6).

a) Eles devem ser criados na *doutrina* (disciplina) do Senhor. Esta palavra aponta para a instrução e ensina como o crente deve educar seus filhos. A primeira obrigação do crente é, portanto, ensinar a seus filhos que eles estão sob o governo do Senhor, que

devem ser criados e instruídos em Sua disciplina e, assim, mostrar sua responsabilidade direta e individual.²

E esse fato deve determinar o caráter de sua instrução – na doutrina do Senhor. Em uma palavra, o pai Cristão deve instruir seus filhos de acordo com o lugar para o qual, pela graça de Deus, eles foram trazidos.

Mas a ansiosa pergunta pode ser: Como isso deve ser feito? Em primeiro lugar e acima de tudo, pela assídua instrução da Escritura. Assim, na passagem já citada de Deuteronômio, é dito ao pai judeu: **“E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás [ensinarás diligentemente – KJV] a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te”**, e Paulo, escrevendo a Timóteo, lembra-lhe que **“desde a tua meninice, sabes as Sagradas Letras”** (2 Tm 3:15); e pode-se deduzir, a partir da menção da mãe e da avó de Timóteo, que foi por essas mulheres piedosas que ele foi assim instruído. Deve ser uma solene consideração para todos os pais Cristãos até que ponto eles estão fazendo a mesma coisa. Há muitas famílias onde a Bíblia tem um lugar, mas não o principal lugar, na instrução dos filhos. Mas certamente **“a doutrina do Senhor”** só pode ser obtida da Palavra de Deus; e, portanto, quem quer que seja fiel neste assunto, deve ser diligente em explicar a doutrina de maneira sistemática. E que vantagem para os filhos que são assim ensinados! A verdade de Deus é trazida sobre eles desde o início, e usada pelo Espírito Santo, de acordo com a promessa, para vivificar, formar e dirigir; eles são, sob Seu poder gracioso, *criados* na doutrina e admoestação do Senhor. Pode não haver, em tais casos, quaisquer sinais de uma clara conversão (como é frequentemente observado no caso de filhos de pais fiéis e crentes), porque o Espírito de Deus usa a Palavra logo no início da vida para sua bênção em regeneração.

Em segundo lugar, embora a Escritura seja a principal fonte de instrução, Ela também guiará quanto ao caráter da educação a

ser transmitida em outras direções. Esta é muitas vezes uma questão muito desconcertante para os pais Cristãos; mas se alguma vez for lembrado que eles têm que instruir seus filhos para o Senhor, a dificuldade será em grande parte removida. Eles verão então que toda a instrução transmitida deve manter esse único objetivo em vista; e eles os protegerão cuidadosamente de serem ensinados sobre qualquer coisa que possa não ser necessária em seu caminho pelo mundo, e que seria inconsistente com o fato de serem servos do Senhor. Esse é um princípio de fácil aplicação. A coisa proposta para ser ensinada ao meu filho é para o Senhor ou para o mundo? Assim também na seleção de livros para a sua leitura. O objetivo de sua educação, conforme estabelecido na Palavra, sendo mantido em vista, é facilmente determinado se um livro contribuiria ou impediria esse objetivo. Como em muitas outras coisas, é simplesmente uma questão de um olhar simples; e para manter isso, precisamos estar constantemente na presença de Deus, julgando a nós mesmos e nossos caminhos.

b) *A advertência* implica, como explicado, a manutenção de uma cuidadosa supervisão, de modo a alertar sobre os perigos e a incentivar avanços no caminho correto. E isso é a admoestação, bem como a doutrina do Senhor. Os pais Cristãos devem, portanto, falar em nome do Senhor; na verdade, suas admoestações serão atendidas com mais peso se os filhos forem levados a entender que seus pais estão agindo pelo Senhor; que eles são advertidos contra um mau hábito ou uma má diversão, não por qualquer capricho dos pais, mas apenas porque, em ambos os casos, isso seria desagradável ao Senhor. A sanção divina seria assim estampada nas palavras de advertência dos pais, e os próprios filhos seriam assim trazidos à presença divina. E os pais não devem adotar uma postura inferior; e, agindo assim, eles, ao mesmo tempo, são preservados tanto da dureza de sentimentos quanto da fraqueza das afeições. Sendo a Palavra de Deus o seu guia e o alicerce do governo dos seus filhos, as suas relações mútuas serão fortalecidas, as afeições aumentadas e a

sua autoridade conservada e respeitada. Portanto, é de extrema importância que a admoestação seja conjugada com a doutrina do Senhor. Eli, Samuel, Davi e muitos outros são exemplos de fracasso nessa direção; cujas tristes consequências os perseguiram até o fim dos seus dias.

3) Concluindo, alguns perigos podem ser indicados, perigos em que muitos pais Cristãos caem ao esquecerem das exortações que foram consideradas.

a) O primeiro que mencionamos é o caráter das escolas para as quais muitas vezes os filhos dos Cristãos são enviados. Por causa de algumas vantagens educacionais, ou mesmo por conveniência, os crentes às vezes colocam seus filhos sob os cuidados de incrédulos, ou sob os cuidados daqueles que, Cristãos professos, ensinam o potencial erro. Em outros casos, os filhos têm permissão para ler na escola obras clássicas cheias de impureza e imoralidade. Alega-se que a Bíblia não deve ser usada largamente, para que as consciências dos incrédulos não sejam feridas; mas os Cristãos não têm consciência quanto a Horácio e Ovídio, quanto a Homero e Sófocles, quanto a Shakespeare e Byron, quanto a muitos dos livros franceses e alemães que são os mais apreciados pelos professores dessas línguas? Já é hora de os pais Cristãos tomarem uma posição mais elevada a esse respeito, lembrando-se de sua responsabilidade de criar seus filhos na doutrina e admoestação do Senhor.

b) O perigo, também muito comum, de delegar a outras pessoas a responsabilidade de instruir filhos para o Senhor. Por mais dedicadas e coerentes que sejam as pessoas que estão instruindo seus filhos, nada pode desobrigar os pais da responsabilidade individual deles. Não há como negar as dificuldades no caminho de sua execução em muitas situações da vida. Mas se as exortações, mais de uma vez citadas, em Deuteronômio, forem lembradas, será visto que há muito poucos que não puderam empreendê-las. E estas palavras (a Palavra de Deus) que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás

[ensinarás diligentemente – KJV] a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Toda oportunidade deve ser aproveitada, porque é a responsabilidade que Deus colocou unicamente sobre os pais Cristãos. Ninguém mais tem o mesmo lugar ou o mesmo direito sobre seus filhos que os pais; e se seus filhos são tão bem instruídos por outros, o pai falhou se ele mesmo não os criou na doutrina e admoestação do Senhor.

c) O perigo também é grande em muitos lares Cristãos com a permissão de diversões e associações mundanas. O controle do Senhor deve ser aplicado em todo o círculo da vida das crianças. Separados do mundo por sua ligação com os pais, não se deve permitir que um único elo seja restabelecido. Até mesmo suas roupas devem proclamar que estão sob o governo do Senhor por meio dos pais. E o exemplo dos pais, sua casa, tudo o que cerca seus filhos, devem confirmar, apoiar e ilustrar as instruções dadas quanto a essas coisas; e então, na plena certeza da fé, pode-se contar com Deus para Se lembrar de Sua própria Palavra: **“Instrui o menino no caminho em que deve andar, e, até quando envelhecer, não se desviará dele”** (Pv 22:6).

Essas coisas foram lembradas, e todo pai crente que busca, na dependência do Senhor, ser fiel em sua responsabilidade, que testemunho para Deus seria a família Cristã! Em uma cena de trevas, confusão e maldade, o lar do crente seria como um oásis no deserto – uma brilhante antecipação do tempo em que tudo será colocado sob o domínio e a influência do Senhor Jesus Cristo.

Servos

“Vós, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne, com temor e tremor, na sinceridade de vosso coração, como a Cristo, não servindo à vista, como para agradar aos homens, mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens, sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre” (Ef 6:5-8).

“Vós, servos, obedecei em tudo a vosso senhor segundo a carne, não servindo só na aparência, como para agradar aos homens, mas em simplicidade de coração, temendo a Deus. E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis” (Cl 3:22-25).

“Todos os servos que estão debaixo do jugo estimem a seus senhores por dignos de toda a honra, para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados. E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados” (1 Tm 6:1-2).

“Exorta os servos a que se sujeitem a seu senhor e em tudo agradem, não contradizendo, não defraudando; antes, mostrando toda a boa lealdade, para que, em tudo, sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador” (Tt 2:9-10).

“Vós, servos, sujeitai-vos com todo o temor ao senhor, não somente ao bom e humano, mas também ao mau; porque é coisa agradável que alguém, por causa da consciência para com Deus, sofra agravos, padecendo injustamente” (1 Pe 2:18-19).

Há mais instruções dadas nas Escrituras para a direção e bem-estar dos servos do que para qualquer outra classe de pessoas. Essa não é uma honra pequena e é uma evidência do amor e do terno cuidado que Deus tem por todos que ocupam essa posição. Talvez a razão também possa ser encontrada no fato de que em todas as épocas da Igreja, desde os dias dos apóstolos até os dias atuais, um grande número de servos sempre foi, pela graça de Deus, contado entre Seus filhos. E visto que, pelo posto que ocupam, eles devem ser extremamente influentes para o bem ou para o mal – recomendando o evangelho àqueles com quem convivem ou desonrando o nome de Cristo –, sem dúvida esses conselhos e admoestações são dados para que eles possam ver a ênfase que é divinamente colocada em que eles sejam ornamento da doutrina de Deus, nosso Salvador, em todas as coisas.

O termo "servo", como empregado nas epístolas de Paulo, é um pouco mais amplo do que o usado entre nós. "Escravo" ou "servo" é o equivalente exato da palavra, embora 'servo' seja a melhor interpretação de seu significado, pois os escravos do Oriente não eram de forma alguma como os escravos do Ocidente. Eles eram, geralmente, os empregados domésticos, homens ou mulheres; e nisso, diferentes de outros servos, que pertenciam a seus senhores, que os adquiriram por compra ou por guerra. Mas, embora escravos, eram em sua maioria tratados com bondade; na verdade, muitas vezes se tornaram membros da família, ocupando cargos de confiança e influência, como nos casos de Eliezer, mordomo de Abraão, e José, na casa de Potifar. Eles eram realmente domésticos; isto é, membros da casa; e, portanto, quaisquer que sejam as diferenças reais entre a posição deles e a dos empregados agora, estaremos mais em harmonia com o espírito das determinações dadas se entendermos que elas se aplicam aos empregados domésticos. Pedro, de fato, usa uma palavra diferente – que realmente significa "doméstico". Isso é, sem dúvida, porque ele estava escrevendo para crentes judeus, em cujas casas seriam encontrados menos escravos do que

“domésticos”. Todas as classes de servos, portanto, estão realmente incluídas; e, portanto, servos de todas as posições e em todos os graus encontrarão muito neste capítulo para aplicar às suas necessidades e posição; pois quem quer que esteja sob um mestre terrenal encontrará a vontade de Deus quanto ao seu serviço nas direções dadas nesta parte de Sua Palavra. Também não deve se esquecer que todos os crentes são, em um aspecto, *servos do Senhor*; portanto, embora essas passagens tenham sua aplicação primária à classe especial a quem são dirigidas, há instrução e edificação para todos. Mesmo Aquele, que nos deixou um exemplo que devemos seguir em Seus passos, tomou sobre Si **“a forma de Servo”** (Fp 2) e, assim, nos ensinou que o verdadeiro lugar de todo crente está na sujeição à vontade de outro. **“Pois qual é maior: quem está à mesa ou quem serve? Porventura, não é quem está à mesa? Eu, porém, entre vós Sou como Aquele que serve”** (Lc 22:27).

1) Como o próprio nome indica, o dever primário do servo é a obediência. Em cinco epístolas diferentes (Ef 6:5; Cl 3:22; 1 Tm 6:1-2; Tt 2:9; 1 Pe 2:18) esse dever é ordenado; e, como no caso das crianças, a obediência exigida é quase ilimitada. **“Vós, servos, obedecéis em tudo a vosso senhor segundo a carne”** (Cl 3:22). A única limitação é encontrada em suas obrigações mais elevadas para com o Senhor; pois, embora isso não seja declarado diretamente, está claramente implícito quando se diz: **“a Cristo, o Senhor, servis”** (Cl 3:24). Até este ponto – desde que a ordem dada não passe por cima daquilo que o servo deve ao Senhor como Seu servo – toda a obediência deve ser dada ao senhor ou à senhora. Dizemos senhor ou senhora; embora todos observem que as senhoras não são mencionadas nessas Escrituras. Isso ocorre porque o termo ‘senhor’, aos olhos de Deus, inclui o de ‘senhora’, assim como homens e mulheres são frequentemente compreendidos sob o termo “homem”, ou, mais provavelmente, porque a autoridade da senhora é delegada a ela por seu marido – ele sendo a cabeça da família e responsável por seu governo diante de Deus, mas confiando

seus afazeres domésticos à esposa como senhora. Isso, portanto, deve ser entendido que senhores e senhoras estão ambos incluídos no primeiro termo, e que a obediência a ser prestada é devida a um ou a ambos, de acordo com a posição do servo.

É possível que haja um pouco de hesitação em aceitar tal descrição, do dever dos servos, como essa obediência quase ilimitada. Mas as palavras da Escritura não admitem nenhuma interpretação mais restrita. Examine-as o mais de perto possível, o significado é simples e distinto. A obediência, de fato, é necessária pela respectiva posição. O senhor governa e o servo deve obedecer, ou a casa seria uma cena de contínua perturbação e conflito. Isso será visto mais claramente quando for lembrado que todo lar Cristão deve ser uma apresentação da ordem ou governo de Deus. Como o servo ao senhor, assim é o crente ao Senhor. Portanto, é o governo do Senhor na casa, realmente exercido por meio do senhor a quem Ele responsabiliza por sua conduta e ordem. Assim, o apóstolo disse: **"a Cristo, o Senhor, servis"**; vocês recebem os mandamentos por meio de seus senhores terrenos, mas, ao obedecê-los, estão servindo ao Senhor, porque Ele os colocou onde estão e ordena obediência a vocês nessa posição. Servir seria muito mais fácil se essa verdade fosse reconhecida de maneira plena e de coração – um meio de graça, de fato – se o servo, ao receber a ordem do senhor, ouvisse sempre a voz do Senhor. Pois assim a tentação de rejeitar a ordem dada, de questionar sua razoabilidade, de condenar sua indelicadeza, seria evitada, e a fonte da alegre obediência estaria sempre presente na alma. É possível que haja dificuldades, injustiças ou mesmo crueldades; mas o incômodo de tais provações desaparecerá quando a ordem é recebida, como é privilégio do crente fazer, diretamente do Senhor, quando Sua vontade for reconhecida e aceita com submissão.

Nem a obrigação de obediência é enfraquecida pelo caráter do senhor. **"Vós, servos,"** o apóstolo Paulo escreveu, **"sujeitai-vos**

com todo o temor ao senhor, não somente ao bom e humano, mas também ao mau” (1 Pe 2:18). Servir – obediência – nesse caso será muito mais difícil. Há senhores que conquistam tanto o coração de seus servos que estes consideram um prazer atender seus pedidos mais exigentes e que demandam o maior sacrifício próprio. Há, por outro lado, senhores que são habitualmente tão indelicados que suas menores exigências são consideradas uma dificuldade. A vontade do servo é correr para obedecer ao primeiro senhor; e retardar, ou às vezes até se recusar, a obedecer ao senhor indelicado. Mas, como esta passagem mostra, o dever de obediência é inteiramente independente do caráter do senhor. Esquecer isso seria esquecer que você serve a Cristo, o Senhor e também cair no pecado do servir à vista, como para agradar aos homens, em vez de como, **“servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade, como ao Senhor, e não como aos homens”** (Ef 6: 6,7; veja também Cl 3:22-23).

Se agora indicarmos as características da obediência, como aqui dadas, o dever será tornado menos pesado por estar diretamente conectado com o Senhor.

a) “Não servindo à vista, como para agradar aos homens”.

Os olhos não devem estar no semblante do senhor. Se for, a tentação será necessariamente agradá-lo e, assim, agradar ao homem. O menor dever é roubado de seu valor diante de Deus, se feito aos homens em vez de fazer a Ele. Isso é andar por vista, e não pela fé.

b) “Mas como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus; servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens, sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre” (Ef 6: 5-8; veja também Cl 3: 22-24).

Assim, os servos são colocados na presença do Senhor. Eles são servos de Cristo, e devem fazer a vontade de Deus de coração, e seus olhos devem estar fixos somente no Senhor. E

lembrar-se disso é o segredo de todo serviço agradável e prazeroso, de toda obediência verdadeira e também de ser totalmente independente do caráter de seus senhores. Os servos Cristãos evitariam muitas armadilhas, se isso fosse mantido diante da mente deles; e, assim, exaltando a Cristo em seu serviço, de fato, honrariam a doutrina de Deus, seu Salvador, em todas as coisas.

2) A próxima direção da Escritura é quanto ao *comportamento*. Isso, de fato, está ligado ao dever já descrito; pois onde há obediência alegre e voluntária, certamente haverá um comportamento correspondente. Mas pode servir para mostrar sua importância, bem como colocar o assunto sob uma luz mais distinta, se a atenção for direcionada às declarações específicas da Palavra de Deus.

a) Os servos ***“estimem a seus senhores por dignos de toda a honra”*** (1 Tm 6:1). Eles devem lhes prestar todo o respeito adequado à sua posição; e essa exigência também é totalmente independente do caráter pessoal do senhor. Assim, de fato, como Deus exige que prestemos honra aos reis e por aqueles que estão em posição de autoridade por causa do cargo que ocupam, assim também Ele ordena que os servos reverenciem seus senhores por causa de sua posição. A sabedoria e a propriedade dessa ordem são evidentes; pois nada é mais conveniente por parte do servo, e nada honra e recomenda tanto seu serviço, quanto a admiração respeitosa que é aqui ordenada; e nada será mais fácil de prestar se tivermos em mente que deve ser prestada, não com o servir à vista como para agradar aos homens, mas com boa vontade quanto ao Senhor, e não aos homens.

b) *Humildade* também deve ser exibida. Os servos devem obedecer **“com temor e tremor”** e **“com todo o temor”** (Ef 6:5; 1 Pe 2:18). Ou seja, eles devem valorizar aquela humildade de mente que teme ofender e se sujeitem a

“seu senhor e em tudo agradem” (Tt 2:9). Eles devem, portanto, cuidadosamente evitar dar causa de ofensa, e dentro dos limites já definidos, sempre procurar agradar.

c) **“Não contradizendo”** (Tt 2:9). A tolerância quanto às palavras deve ser exercitada; a língua mantida sob controle para evitar palavras rápidas e precipitadas. Todo servo sabe quantas são as tentações nesse sentido. Coisas afiadas e até injustas podem ser proferidas pelos senhores em um momento de irritação, e a tendência é a resposta com palavras do mesmo padrão; e então, quando o fogo da disputa é aceso, não é tão facilmente extinto. E o que é mais natural? Mas Deus, em Sua Palavra, nos mostra um caminho melhor; e, portanto, instruiu Seu servo a escrever: **“Não contradizendo”**. O apóstolo Pedro, reforçando a mesma coisa, aponta para o exemplo de Cristo: **“Porque que glória será essa, se, pecando, sois esbofeteados e sofreis? Mas, se fazendo o bem, sois afligidos e o sofreis, isso é agradável a Deus. Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as Suas pisadas, o Qual não cometeu pecado, nem na Sua boca se achou engano, o Qual, quando O injuriavam, não injuriava e, quando padecia, não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga justamente”** (1 Pe 2:20-23). O Senhor assim suportou com paciência diante de Deus e, portanto, desviando o olhar dos rostos dos homens, “não contradisse”, confiando a Si mesmo e Sua causa Àquele que julga com justiça. Assim é com os servos. Tratados com indelicadeza, e mesmo injustamente, eles devem se sujeitar a tal tratamento severo com paciência diante de Deus, e olhar para Ele em busca de alívio da angústia. Um caminho impossível para a natureza, mas que, quando trilhado na dependência do Senhor com os olhos fixos n'Ele, produzirá frutos indescritíveis de paz e bênção. O bendito Senhor mesmo andou por ele; e assim, sabendo o que é, Ele é capaz de

socorrer e socorrerá aqueles que O seguem nele. É ter comunhão com Ele em Seus sofrimentos; e **“se é certo que com Ele padecemos, para que também com Ele sejamos glorificados”** (Rm 8:17).

3) *Fidelidade* também é ordenada: **“não furem; pelo contrário, deem prova de toda a fidelidade”** (Tt 2:10 – ARA). Nessa determinação, os servos são considerados como sendo mordomos: eles devem lidar fielmente com tudo o que é confiado aos seus cuidados. Os bens da casa estão constantemente sob as mãos dos servos e, portanto, é dito: **“não furem; pelo contrário, deem prova de toda a fidelidade”**. Eles não devem furtar ou usar para si mesmos qualquer coisa que pertença a seus senhores. Isso pode ser mais bem entendido se o significado exato da palavra “furto” for declarado. Somos informados de Ananias e Safira, (At 5), que pecaram contra Deus *retendo* parte do preço da possessão que haviam vendido, e cujo produto professavam ter dedicado ao Senhor. Isso mostra o significado de furto; pois a palavra ali traduzida como “reter” é a mesma que é dada em Tito como furto. Furto não é, portanto, exatamente o que é *chamado* roubo, mas é a apropriação pelo servo, para seu próprio uso, daquilo que pertence ao senhor ou à senhora. Muita propriedade – comida, roupas e outras coisas – deve passar pelas mãos e estar sob os cuidados de cada servo da casa. Deus exige de todos os servos que sejam fiéis neste particular, e não se permitam tomar o menor bem que for sem permissão. Tudo na casa pertence ao senhor ou à senhora, e deve ser mantido pelo servo como algo santo que foi confiado. Eliezer, o mordomo de Abraão, e José, na casa de Potifar, nos são dados como exemplos de servos fiéis, que não furtaram; enquanto o Salvador descreve alguém que até desperdiçou os bens de seu senhor, na parábola do “mordomo infiel” (Lc 16:1). Todo servo faria bem em prestar atenção a esses exemplos; pois também, neste assunto, a tentação é muitas vezes forte e, se uma vez cedida, aumentará em poder e poderá ser a causa da ruína

total. Que esta palavra divina, **“não furtem”**, seja a luz do caminho do servo, e ele escapará da armadilha.

- 4) Uma orientação especial é dada para atender a um caso especial. **“Todos os servos que estão debaixo do jugo”**, disse o apóstolo, **“E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados”** (1 Tm 6:1-2). O Cristianismo ensina que Um é nosso Mestre, o Senhor Jesus Cristo, e que todos nós somos irmãos; e, considerando o fato de que Deus não faz acepção de pessoas, alguns, e especialmente a Igreja primitiva e que estavam **“dabaixo do jugo”**, entendendo mal a nova verdade, poderiam afirmar sua igualdade com seus senhores e, com base na unidade em Cristo, fossem induzidos a reivindicar dispensa do serviço exigido. Essa exortação tinha o propósito de se opor à tentação e ensinar que, na realidade, as distinções terrenais permanecem intocadas pelo fato da igualdade de posição em Cristo. É verdade que o senhor e o servo, se forem crentes, são irmãos; mas também é verdade que, no que diz respeito a este mundo, eles ainda são senhor e servo. As disposições e distinções sociais, longe de serem alteradas ou eliminadas, são preservadas e consolidadas pelo Cristianismo. **“E os que têm senhores crentes não os desprezem, por serem irmãos; antes, os sirvam melhor, porque eles, que participam do benefício, são crentes e amados”**. O próprio fato de sua unidade em Cristo, e do laço fraternal que conseqüentemente os une, devem ser um novo motivo para o serviço diligente e voluntário; pois, embora em diferentes posições temporais, eles agora podem se alegrar em saber que é apenas uma diferença temporal, que desaparecerá para sempre à luz da eternidade; e assim senhores e servos reconhecerão, nas posições que ocupam, a vontade do Senhor deles. A atenção nessa direção salvará os servos de muita decepção. Mesmo agora, aqueles que são Cristãos são levados a esperar demais de seus senhores e senhoras com base em um Cristianismo comum. O senhor ou a senhora podem, de fato,

não se lembrar disso o suficiente, mas, se assim for, os servos crentes devem ter o cuidado de mostrar que o único efeito produzido sobre eles, por serem um na fé, é torná-los melhores e mais humildes como servos. Pois, por mais exigentes que sejam as demandas que tal serviço possa às vezes fazer, o serviço é prestado não aos homens, mas Àquele a Quem eles se deleitam em chamar de seu Senhor, e Ele dará a recompensa.

5) Foi escrito o suficiente para mostrar o caráter minucioso das instruções dadas. À pergunta feita: Qual é o objetivo do que foi escrito? A resposta é dupla. É, em primeiro lugar, aos servos **"para que, em tudo, sejam ornamento da [honrem a – TB] doutrina de Deus, nosso Salvador"** (Tt 2:10), e, em segundo lugar, **"para que o nome de Deus e a doutrina não sejam blasfemados"** (1 Tm 6:1). Isto é, que a vida dos servos não demonstre ser uma pedra de tropeço, trazendo desonra, mas que eles devem ser de tal caráter que louvem o nome de seu Senhor. Um grande número de servos, como já foi observado, são Cristãos, e, por isso a insistência para que andem dignos de seu nome Cristão, pois sua posição é muitas vezes muito difícil. Suas falhas são muitas vezes ampliadas, e suas virtudes tão negligenciadas, que nada menos que a perfeição convencerá muitos senhores e senhoras de que seus servos são realmente crentes. Por outro lado, também deve ser admitido que os servos Cristãos, às vezes, são muito negligentes; e quando este é o caso, o nome de Deus e Sua doutrina, por causa deles, são blasfemados. Mas Deus é Fiel, e quaisquer que sejam as dificuldades de sua posição, se houver somente dependência d'Ele, Ele os sustentará; e se pelo comportamento deles honrarem a doutrina de Deus, o Salvador, Ele fará com que o cheiro do nome de Cristo se espalhe, por meio deles, como uma doce fragrância em toda a casa em que habitam.

6) Em seguida, há *encorajamentos e advertência*.

a) Encorajamento. **“servindo de boa vontade como ao Senhor e não como aos homens, sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre”** (Ef 6:7-8). **“Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis”** (Cl 3:24). Todo serviço, qualquer que seja seu caráter, é assim feito com responsabilidade para com o Senhor; e aqui reside o encorajamento, que Seu olhar está sobre o servo fiel, anotando todos os seus desânimos, provações e tristezas, e sustentando-o por Sua aprovação atual e pela perspectiva do **“galardão da herança”** que ele finalmente receberá das mãos de seu Senhor. Pois não está muito distante o tempo em que Ele fará as contas com todos os Seus servos; e quando então, em Seu próprio tribunal (2 Co 5:10), cada um de nós receberá o que tiver feito por meio do nosso corpo, de acordo com o que fizemos, seja bom ou mau.

Há também o encorajamento – e como é abençoado – surgindo do exemplo de Cristo. Esta é a força especial do ensinamento de Pedro, pois assim que ele começa suas exortações aos servos, ele conecta tudo com o caminho e os sofrimentos do Senhor Jesus. A razão é que Ele era o Servo Perfeito – Aquele que nunca fez Sua própria vontade, mas sempre esteve em sujeição a Outro. Como Ele mesmo diz: **“Porque Eu descí do céu não para fazer a Minha vontade, mas a vontade d’Aquele que Me enviou”** (Jo 6:38); e embora Ele fosse um Filho, ainda assim aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu. Se, portanto, os olhos estiverem fixos n’Ele, as dificuldades desaparecerão e a força será recebida para o caminho mais árduo; sim, e assim pode haver comunhão com Cristo em Seus sofrimentos por causa da justiça. **“Olhando para Jesus”** será, portanto, um antídoto para as tristezas e um incentivo a perseverar em fidelidade no caminho do servo.

b) Há uma advertência. **“Pois quem faz injustiça receberá a paga da injustiça que fez; e não há acepção de pessoas”** (Cl 3:25 – AIBB). Aqui também a responsabilidade é trazida para

impedir o mal. Com que cuidado, portanto, o Senhor tomou providências para a necessidade dos servos! E com que ternura o fez. Ele traz os servos e seus deveres à luz de Sua própria presença, para que tudo possa ser feito como para Ele. Se os encorajamentos e as advertências tiverem o efeito de fazer com que cada servo viva somente para Sua aprovação, então o fardo mais pesado se tornará leve, e a situação mais difícil será cumprida com gozo.

- 7)** Por último, não podemos deixar de lembrar aos servos de sua oportunidade de bendizer a casa em que são colocados. Há muitas famílias que terão que louvar a Deus por toda a eternidade pelos servos Cristãos. Que honra o Espírito de Deus colocou sobre a pequena menina levada cativa de Israel, que foi assim instrumento para abençoar Naamã (2 Rs 5); e desde aquele tempo até os dias atuais, agradou a Deus usar muitos servos para a conversão dos membros da família em que serviram. Um capitão do exército, bem conhecido pelo escritor, voltava da Índia em ignorância e incredulidade. Ele tinha um servo negro crente. A bordo do navio de tropas havia muito lazer, e o servo aproveitou a oportunidade para recomendar a seu senhor o evangelho da graça de Deus. Seu testemunho foi abençoado e seu senhor desembarcou na Inglaterra como soldado da cruz de Cristo. Ele imediatamente abandonou a profissão das armas e se dedicou ao ministério do evangelho; e muitas vezes o escritor viu o povo a quem ele estava pregando, em demonstração do Espírito e com poder, curvar-se diante de suas palavras como as árvores se curvam diante do vento. Milhares de tais exemplos têm seu registro no alto; e somente a luz da eternidade revelará quantos senhores e senhoras, ou seus filhos, foram salvos por meio do humilde testemunho de servos crentes, recomendado por seu andar e modo de vida.

Que Ele conceda a todo servo Cristão que leia estas palavras, possa perceber e cumprir, pela graça de Deus, a responsabilidade de sua posição.

Senhores

“E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles, deixando as ameaças, sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu e que para com ele não há aceção de pessoas” (Ef 6:9).

“Vós, senhores, fazei o que for de justiça e equidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus” (Cl 4:1).

“Se desprezei o direito do meu servo ou da minha serva, quando eles contendiam comigo, então, que faria eu quando Deus Se levantasse? E, inquirindo a causa, que lhe responderia?” (Jó 31:13-14).

“Senhores”, como explicado no capítulo anterior, é usado como um termo para incluir senhoras e, portanto, pode ser entendido como aplicável a todos os chefes de família; pelo menos a todas as famílias onde haja servos. Muito menos espaço é dado a eles na Escritura do que aos servos; mas, embora as instruções sejam menores, elas são extremamente abrangentes e significativas. Além disso, muitos exemplos de bons senhores são exibidos e, conseqüentemente, há uma grande quantidade de instrução indireta. Isso deve ser combinado com os mandamentos especiais, por todos os que entendem a vontade de Deus a respeito daqueles a quem Ele colocou no lugar de autoridade sobre outros.

1) Deve-se notar especialmente que tanto em Efésios quanto em Colossenses os senhores são lembrados de que seu Senhor está no céu. Em Colossenses há uma ligeira adição, que, no entanto, é de grande importância: **“sabendo que também tendes um Senhor nos céus”**. Isso é para lembrar aos senhores que seu lugar de autoridade é apenas temporal; que enquanto nesta vida eles podem ter uma posição de comando, com outros lhes estando sujeitos, diante de Deus e em relação a Ele,

tanto eles quanto os que lhes estão sujeitos são servos da mesma maneira. Duas ou três diferentes coisas são aqui indicadas.

Primeiro, que, comandando outros, eles estão agindo simplesmente como delegados do Senhor. Em outras palavras, eles devem preencher sua posição de senhores como servindo ao Senhor. Isso imediatamente coloca os senhores face a face com sua responsabilidade para com Deus, e não é demais dizer que ninguém pode preencher o lugar de senhor corretamente, a menos que ele tenha o Senhor diante dele; pois então nunca será uma questão de sua própria vontade ou inclinação, mas o que o Senhor deseja que ele faça. Ele sentirá a solenidade do seu lugar, da responsabilidade de governar a sua casa para Deus. O reconhecimento dessa responsabilidade influenciará todos os detalhes da administração dos assuntos de sua casa e dará a chave para o ajuste de todas as dificuldades que possam surgir e para a resolução de cada contenda. É incerto se os senhores Cristãos estão suficientemente atentos ao fato de que eles têm que servir *seu* Senhor ao comandar seus servos. É geralmente reconhecido que aqueles que ensinam e pregam, todos de fato que servem ao Senhor em conexão com a Igreja, ou o evangelho, só podem cumprir sua responsabilidade permanecendo em Cristo, estando constantemente na presença de Deus; mas não é menos verdade que os senhores e senhoras Cristãos só podem servir no governo da família quando estão diante do Senhor, com Ele diante da alma, com a consciência de sua necessidade e desamparo, para que, na dependência d'Ele, possam receber a sabedoria e a força necessárias. Assim como foi com Salomão, deve ser com todo senhor Cristão. Quando o Senhor apareceu a ele, em sua sucessão ao trono de seu pai, e disse: **"Pede o que quiseres que Eu te dê"**, ele respondeu: **"Dá-me, pois, agora, sabedoria e conhecimento, para que possa sair e entrar perante este povo; porque quem poderia julgar a este Teu tão grande povo?"** (2 Cr 1:7-12). Da mesma forma, senhores, designados

para seu posto pelo próprio Senhor, devem olhar para Ele para capacitá-los a governar como à Sua vista e para Sua glória.

Em segundo lugar, eles são lembrados de que seus servos são, assim como eles, servos do Senhor, **"sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu"**. Isso necessariamente afetará todo o caráter no comando de seus servos, pois enquanto governarem e o fizerem com firmeza, como deveriam, porque sua autoridade lhes foi confiada por Deus – eles se lembrarão de que aqueles que estão sujeitos a eles estão sob responsabilidade direta de seu Senhor no céu; que, junto com eles mesmos, são servos do Senhor; e que, portanto, há neste aspecto igualdade, apesar da diferença em suas respectivas posições na Terra. Isso, por si só, impediria toda a dureza e garantiria aquela terna consideração que, misturada com o firme exercício da autoridade, deveria sempre caracterizar todo o governo Cristão.

Novamente, lembrando-se de seu relacionamento comum com o Senhor, os senhores nunca poderiam exigir de seus servos qualquer coisa que pudesse comprometê-los ou coloca-los em uma posição defensiva da responsabilidade pessoal deles. Eles os usariam como servos do Senhor; e sabendo que, embora estivessem em posição de sujeição a senhores quanto a coisas terrenais, ainda deveriam ser fiéis ao Senhor em todas as coisas. Se, portanto, os senhores ordenassem a eles fazer qualquer coisa inconsistente com seu caráter de servos do Senhor, eles teriam que responder como Sadraque, Mesaque e Abednego fizeram a seu senhor, Nabucodonosor, quando se recusaram a adorar a imagem que ele havia estabelecido no campo de Dura (Dn 3). Pois fica claro a partir do princípio contido nas palavras: **"sabendo também que o Senhor deles e vosso está no céu"**, que a autoridade dos senhores é limitada e, de fato, está em sujeição à autoridade do Senhor. Embora os senhores sejam supremos em seu próprio domínio e, portanto, possam exigir obediência até esse ponto, se procurarem penetrar no círculo mais amplo em que somente o Senhor é Supremo, seus servos

serão liberados de suas obrigações. A fidelidade ao Senhor deve ser o guia de ambos; e onde quer que esse princípio seja constantemente reconhecido, todas as dificuldades cessarão, porque nesse caso é o desejo de senhores e servos manterem uma consciência livre de ofensa para com Deus e para com os homens.

- 2) Tal é o fundamento – o princípio fundamental na manutenção do comando sobre os servos, e agora podemos considerar as instruções especiais.

“E vós, senhores, fazei o mesmo para com eles” (Ef 6:9). Novamente, **“senhores, dai a vossos servos o que é de justiça e equidade”** (Cl 4:1 – AIBB). Eles são, portanto, exortados a tratar seus servos com o espírito de equidade, fazendo a eles o que gostariam que fizessem a si mesmos; e não fazendo nada por parcialidade ou favoritismo, mas mantendo seu governo em justiça e equidade para com todos – uma ordem a ser muito lembrada nas famílias onde disputas geralmente ocorrem entre filhos e servos, ou entre os próprios servos. Então, isso é o que os senhores têm que se lembrar de maneira especial, ou seja, de sua responsabilidade de dar o que é justo e igual, agindo como diante de Deus e lidando com paciência e justiça com todos sob seus cuidados, pois os senhores têm que governar e nenhuma quantidade de bondade compensará a ausência de justiça imparcial no que diz respeito ao governo. De fato, as relações dos diferentes membros da família logo serão totalmente desorganizadas, se essa exortação for esquecida. Conduzir isso exigirá muita paciência; mas lembrar-se de que é o Senhor Quem o ordena, e que é Seu governo que deve ser mantido, manterá o senhor naquele espírito de dependência que é a condição necessária para o cumprimento de sua responsabilidade.

A Palavra diz, **“Vós, senhores, fazei o que for de justiça e equidade a vossos servos, sabendo que também tendes um Senhor nos céus”** (Cl 4:1). Ou seja, os servos têm direito perante

seus senhores quanto a isso; e aquele que for justo e imparcial incluirá tratamento e salários. Eles não têm uma voz ativa e são especialmente dependentes de seus senhores, não podendo recorrer do tratamento deles, exceto, é claro – devido às circunstâncias alteradas dos tempos modernos – na forma indesejável de deixar seu serviço. Sua própria posição constitui, portanto, uma reivindicação sobre seus senhores por aquilo que é justo e imparcial, para que eles possam, com segurança e confiança, se entregar nas mãos de seus senhores, na plena certeza de que seus interesses serão considerados e guardados. E os senhores são exortados a isso, por saber que eles têm um Senhor no céu – Aquele que nota toda a conduta dos senhores e os responsabiliza quanto ao tratar seus servos fielmente. Não há acepção de pessoas com Ele; e cada um de nós, como Seus servos, receberá, no tribunal de Cristo, pelas coisas feitas por meio do corpo, sejam boas ou más (2 Co 5:10).

“Deixando as ameaças”. Essa proibição aponta para pecados da língua ao comandar os servos – uma tentação que é comum em todos os momentos, mas deve ter sido ainda mais comum nos casos em que os servos eram escravos e, portanto, propriedade de seus senhores. Todos sabem o quão fortemente os senhores são tentados, quando desagradados por negligência intencional ou descuido involuntário, a falar asperamente e até mesmo a ameaçar punição. Quantos servos valiosos foram demitidos dessa maneira! Os sentimentos foram despertados e as palavras proferidas; e talvez por orgulho, houve a recusa de voltar atrás, e o servo foi embora. A Escritura mostra um caminho melhor – deixar as ameaças. Mantenha os sentimentos, o temperamento, sob controle – sim, o crente deve se considerar morto para o pecado, é não dar em absoluto qualquer lugar ao ego – e então, se chamado a agir, mesmo sob a maior provocação, será como à vista de Deus. Muito maior influência será assim exercida sobre a mente dos servos, pois o mal é repreendido por uma santa calma de alma, e muito pecado será evitado; pois **“ameaças”** incomodam e irritam e,

assim, provocam sentimentos de raiva, ou talvez palavras, que acendem um fogo que não se apaga facilmente.

- 3) Não se deve esquecer que cada senhor tem uma responsabilidade especial por toda a sua casa; pois os senhores governam, como já indicado, para o Senhor. Por isso, seja nos servos da casa ou nos filhos, nada incompatível com o lugar que ocupam deve ser permitido. Os senhores Cristãos quase não se apercebem disso. Pois quantas vezes isto é tolerado nos servos – nos modos e vestimentas mundanos e, em alguns casos, na introdução de livros perniciosos, que nem por um momento seriam tolerados em seus filhos. Mas todo o círculo da casa deve estar sujeito à autoridade do Senhor. Esse princípio é exemplificado tanto no Velho quanto no Novo Testamento. Assim, encontramos Jacó dizendo à sua casa: **“Lançai fora os deuses estranhos que há no vosso meio”** (Gn 35:2-3). Josué e Daniel da mesma maneira falam de suas casas diante de Deus; e nos Atos dos Apóstolos encontramos menção frequente, como foi mostrado em um capítulo anterior, de casas que pertencem ao Senhor. Portanto, também há a responsabilidade de cuidar do bem-estar espiritual dos servos. Por que eles foram trazidos para esse relacionamento especial? Certamente, não para que possam prestar serviço temporal a seus senhores, mas também para que os senhores possam vigiar e cuidar da alma de seus servos. Essa responsabilidade foi muito mais sentida em tempos passados do que atualmente, quando os laços entre senhores e servos foram muito afrouxados por uma liberdade contratual excessiva. Então não era incomum que os servos fossem realmente membros da família. Eles eram cuidados na doença como tal; encontravam em seus senhores e senhoras seus amigos mais verdadeiros, e raramente partiam, a não ser para mudar sua condição de vida. Mas agora isso é alterado em quase todos os lugares. Em muitos casos, os servos permanecem pouco tempo em um só lugar, e a consequência é que o interesse mútuo entre senhores e servos é muito fraco. Ainda assim, isso de forma

alguma diminui a responsabilidade daqueles que têm servos. As dificuldades podem ter aumentado; mas, mesmo assim, todo senhor Cristão que se lembra de que tem um Senhor no céu, zelará diligente e fielmente pelos interesses espirituais de seus servos.

Admitindo a responsabilidade, uma pergunta pode ser feita: Como ela deve ser cumprida? Tal pergunta só pode ser respondida plenamente por cada um de nós; ou melhor, por cada um olhando para o Senhor em busca de sabedoria para enfrentar isso, e então Ele logo mostrará o caminho e, ao mesmo tempo, dará força para andar nele. No entanto, uma sugestão ou duas podem ser dadas. Em primeiro lugar, em vista de uma responsabilidade tão solene, é necessário que os senhores não retenham servos em sua casa que se recusem a estar em sujeição, pois é impossível ocupar o lugar de um senhor ou senhora para o Senhor se a obediência não for prestada por todos sob seus cuidados. Conduzir esse princípio envolverá sacrificar o descanso e o conforto; mas, como o crente sabe, o ego nunca deve ser seu objetivo. Nesse assunto, como em tudo o mais, a fé e não a visão deve governar a caminhada; e fazendo do Senhor a primeira consideração, exaltando-O em nossa casa, Ele proverá tudo o que é necessário, até mesmo servos, para aqueles que assim buscam Sua glória. Tendo, então, uma família governada pela autoridade do Senhor, a leitura familiar pode se tornar um meio muito útil de instrução espiritual; pois então todos estão na presença de Deus e estão preparados para ouvir o que Ele pode falar com eles por meio de Sua Palavra. Além da leitura familiar, o senhor ou a senhora Cristão buscará outras oportunidades de instrução direta da Escritura; e dessa forma, lendo ou conversando juntos, muito se aprenderia sobre as necessidades e provações especiais do servo, e muita orientação e edificação poderiam ser ministradas. Ambos sentados juntos aos pés de Jesus e ouvindo Sua palavra, aprenderiam mais sobre suas respectivas responsabilidades

para com Ele como Senhor e sobre seus deveres, como Seus servos, em suas respectivas posições; e assim cada um seria levado a desejar fazer de Sua Palavra a luz para seus pés e a lâmpada para seu caminho em toda a vida doméstica. Além disso, o senhor e senhora podem ser assim transformados em mediadores de bênção para aos da casa, de modo que seus membros sejam levados a amá-los ainda mais como cuidadores de suas necessidades espirituais, ao mesmo tempo os respeitando e honrando como seus chefes terrenos.

O governo correto de uma casa é, portanto, uma tarefa muito pesada, exigindo muita sabedoria, diligência, paciência e graça. Ela é de fato um solene encargo do Senhor. E se todos os que ocupam a posição responsável de senhores ou senhoras, receberem esse encargo como vindo de Suas próprias mãos, eles então estarão familiarizados com o segredo da fidelidade em sua administração, bem como com a fonte de onde apenas a graça e a força necessárias podem ser recebidas. Então, também, eles não procurarão sua recompensa na gratidão e fidelidade de seus servos (embora essas misericórdias possam ser graciosamente concedidas); mas seu único desejo será, em todas as coisas, buscar apenas a aprovação de seu Senhor.

Conclusão

“Dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da Terra” (Sl 72:8).

“E, chegando-Se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-Me dado todo o poder no céu e na Terra” (Mt 28:18).

Passamos agora em revista o ensino da Escritura sobre as relações no lar e a respectiva posição de cada membro da família do crente; e vimos como Deus Se agradou em Sua graça de designar a cada um o seu lugar e ordenar a conduta adequada a cada um, de acordo com Sua vontade. Sua própria autoridade é suprema; e cada um individualmente a reconhecendo, o lar apresentaria uma imagem do governo divino. Sua glória seria assim promovida, e a paz e a bênção do lar seriam asseguradas. No Milênio, o mundo inteiro será colocado sob o domínio de Cristo. **“Nos Seus dias florescerá o justo, e abundância de paz haverá enquanto durar a Lua. Dominará de mar a mar, e desde o rio até às extremidades da Terra... E todos os reis se prostrarão perante Ele; todas as nações O servirão” (Sl 72:7-11).** Mas é privilégio do crente antecipar este tempo, no que diz respeito à sua própria casa, exaltando nela a autoridade de Cristo e reconhecendo-O como Senhor. Se isso fosse feito com mais fidelidade, esta cena pela qual estamos passando, já sob julgamento porque rejeitou a Cristo, seria intercalada aqui e ali com testemunhos brilhantes da autoridade e senhorio de Cristo. Como algum vasto deserto árido, que é aliviado aqui e ali por oásis espalhados – porções verdes de refrigério, que tornam tudo mais brilhante por seu contraste com a desolação ao redor, então essa cena de trevas e confusão seria aliviada pelos pontos de luz e governo ordenado apresentados pela casa dos santos. Não é suficiente, portanto, durante o pouco tempo em que estamos esperando o retorno de nosso Senhor, testemunhar a graça de Deus; devemos também dar testemunho da autoridade de um

Cristo rejeitado, mas agora glorificado e ausente. Deve ser uma pergunta solene com cada um ocupando o cargo de chefe de família, até que ponto isso está sendo feito. Os dias estão se tornando mais tenebrosos, e o momento da apostasia se aproxima em ritmo acelerado: tudo indica que muito em breve o Senhor Se levantará de Seu assento, à direita de Deus, para voltar a buscar os Seus. A hora já é avançada; portanto, devemos despertar para a importância de um testemunho mais brilhante durante o pouco tempo que nos resta.

Que o Senhor nos dê graça para sermos mais fiéis no julgamento próprio e nos capacite a começar por nós mesmos e por nossa casa, para que, colocando tudo sob a aplicação da cruz, o próprio Senhor possa ser assim mais plenamente reconhecido e glorificado diante de um mundo hostil.

Oh, Lar Feliz!

*Oh, lar feliz! Onde Tu és mais amado,
Ó Senhor, tão cheio de amor e graça;
Aonde nunca vem um hóspede tão bem-vindo e honrado;
Onde ninguém pode preencher o Teu lugar;
Onde todo coração sai para Te encontrar,
Onde todo ouvido atende a Tua Palavra,
Onde todo lábio com bênção Te saúda,
Onde todos estão esperando em seu Senhor.*

*Oh, lar feliz! Onde marido e mulher de coração,
Na fé e na esperança são um;
Que nem a vida nem a morte podem separar
A santa união aqui começou;³
Onde ambos estão compartilhando uma salvação,
E vivem diante de Ti, Senhor, sempre,
Na alegria ou na tribulação,
Em dias felizes ou maus.*

*Oh, lar feliz! Cujos pequeninos são dados
Cedo a Ti em fé e oração
A Ti, seu Senhor, que das alturas do céu.
Guarda-os com mais do que o cuidado da mãe.
Oh, lar feliz! Onde pequenas vozes
Suas alegres ações de graças adoram levantar,
E a língua balbuciante da infância se alegra
Trazer novas canções de amor e louvor.*

*Oh, lar feliz! E servidão feliz!
Onde todos são iguais, um Mestre possuem;
Onde o dever diário, em Tua força perseguida,
Nunca é difícil nem penoso conhecido;
Onde cada um Te serve, manso e humilde,
Seja qual for a Tua designação,
Até que as tarefas comuns pareçam grandes e santas,
Quando elas são feitas como para Ti.*

*Oh, lar feliz! Onde Tu não és esquecido
Quando a alegria está fluindo plena e livre;
Oh, lar feliz! Onde cada ferida é trazida
Médico, Consolador para Ti.
Até que, finalmente, o trabalho do dia da Terra termine,
Todos Te encontrem naquele lar acima,
De onde vens, onde ascendeste,
Teu céu de glória e de amor.⁴*

Spitta

Notas

[←1]

N. do A.: **"Cristo"** é a correta leitura. Sendo, portanto, a esposa **"uma só carne"** com seu marido, ele deve nutri-la e valorizá-la, assim como Cristo à Igreja. Que alturas e profundidades estão contidas nessa comparação! Mostrando de fato que a dívida do amor nunca é paga, mas sempre devida. E, no entanto, esse amor se deleita em reconhecê-lo e em pagá-lo sempre, generosamente, com cuidado e ternura por aquela que assim se tornou uma com ele aos olhos de Deus.

[←2]

N. do A.: Não se esqueçam que alguns afirmam que esta passagem se refere a crianças convertidas. Há, no entanto, duas razões que tornam impossível aceitar essa visão. Primeiro, o termo "criai-os" aponta claramente para o início, para a primeira infância. Em segundo lugar, se essa visão fosse admitida, não haveria no Novo Testamento direções dadas para a instrução de crianças não convertidas, e nem mesmo nenhum fundamento indicado sobre o qual a obediência de crianças não convertidas pudesse ser reivindicada pelos crentes. A passagem em Colossenses, **"Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor"**, deve ser lida **"no Senhor"**; e está, portanto, inteiramente de acordo com Efésios 6:1. J. N. Darby diz: "Todos os filhos dos Cristãos são vistos como sujeitos das exortações no Senhor, que pertencem àqueles que estão dentro, que não estão mais neste mundo, do qual Satanás é o príncipe. Doce e precioso conforto para os pais, para que possam considerá-los como tendo direito a essa posição e uma parte naqueles cuidados ternos que o Espírito Santo derrama sobre todos os que estão na casa de Deus" (Sinopse).

[←3]

N. do E.: Isso só é verdade para a união com Cristo; o casamento é, naturalmente, dissolvido pela morte.

[←4]

N. do E.: Este poema, escrito por um autor alemão conhecido, foi alterado aqui e ali para torná-lo mais em conformidade com a verdade. Ainda assim, é defeituoso, embora sem erro positivo, mas é apresentado como uma descrição marcante e bela de um lar em submissão a Cristo como Senhor. Ele se baseia na Escritura: **"Hoje, veio a salvação a esta casa"** (Lc 19:9).